



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

JAQUELINE CIRINO DOS SANTOS

**O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE ÀS QUESTÕES DE  
BULLYING NA SALA DE AULA: IMPLICAÇÕES E IMPACTOS NA  
VIDA DAS VÍTIMAS**

CAJAZEIRAS-PB

2018

JAQUELINE CIRINO DOS SANTOS

**O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE ÀS QUESTÕES DE BULLYING  
NA SALA DE AULA: IMPLICAÇÕES E IMPACTOS NA VIDA DAS  
VÍTIMAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia

**Orientadora:** Professora Ma. Belijane Marques Feitosa.

**Coorientador:** Professor Me. Danilo de Sousa Cezario.

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

S237p Santos, Jaqueline Cirino dos.  
O papel do professor frente às questões de bullying na sala de aula: implicações e impactos na vida das vítimas / Jaqueline Cirino dos Santos. - Cajazeiras, 2018.  
71f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Belijane Marques Feitosa.  
Coorientador: Prof. Me. Danilo de Sousa Cezario.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. Bullying. 2. Papel docente. 3. Escola-Família. 4. Parcerias. 5. Vítimas. I. Feitosa, Belijane Marques. II. Cezario, Danilo de Sousa. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.06

JAQUELINE CIRINO DOS SANTOS

**O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE ÀS QUESTÕES DE BULLYING  
NA SALA DE AULA: IMPLICAÇÕES E IMPACTOS NA VIDA DAS  
VÍTIMAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia

Aprovado em: 37/07/2018

**BANCA EXAMINADORA**

*Belijane Marques Feitosa*

Ma. Belijane Marques Feitosa - UFCG/CFP/UAE  
Orientador(a)

*Danilo de Sousa Cezario*

Me. Danilo de Sousa Cezario - UEPB/CEDUC  
Coorientador(a)

*Edilson Leite da Silva*

Me. Edilson Leite da Silva - UFCG/CFP  
Examinador(a) Titular

*Joséane A. de Sousa Ferreira*

Dr. Joséane A. de Sousa Ferreira - UFCG/CFP/UAE  
Examinador(a) Titular

CAJAZEIRAS-PB

2018

A realização deste trabalho a todos aqueles que contribuíram de algum modo para a concretização do mesmo, de modo especial, destino a Deus por ser meu criador, aos meus familiares por ser minha base e alicerce, e as minhas amigas por comigo sempre estarem. **DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por proporcionar-me todas as habilidades necessárias para realizar este trabalho. Agradeço por comigo sempre estar, por ser minha fonte de energia, por conceder-me coragem para seguir em frente diante de todos os obstáculos e dificuldades. Se hoje estou concretizando esta etapa, é por graça e vontade divina.

A minha família, sem hesitar, é o melhor bem que qualquer ser pode possuir na vida. Foram muitas barreiras ultrapassadas, que só conseguimos unidos, um apoiando o outro. Janaina e Jaiana, minhas irmãs que sempre me apoiaram, e ajudaram em tudo. Ana Lúcia (mãe) reconheço todo esforço que a senhora fez para que as minhas irmãs e eu pudéssemos concluir os estudos. Trabalhando de domingo a domingo para arcar com todas as despesas necessárias. Você, para mim, é exemplo de mulher, de mãe, de amiga.

Jair (pai), você não teve as mesmas oportunidades de estudo que as minhas irmãs e eu tivemos, por ter que trabalhar desde cedo, ao invés de ir para a escola, embora isso, sempre buscou desempenhar o melhor papel para nós, trabalhando, fazendo honorários, tudo que fosse necessário para subsidiar os nossos estudos e conforto familiar. Repetia constantemente “estudem para ter uma vida melhor”; talvez o senhor não saiba, mas estas palavras frente a todas as dificuldades que vivenciamos, foram propulsores em fazer-me estudar com dedicação e esforço. O senhor é para mim, exemplo de homem, pai, e protetor. É meu porto seguro.

Agradeço a minha orientadora, professora Mestra Belijane Marques Feitosa por compartilhar conhecimentos indispensáveis à conclusão e normalização deste trabalho de conclusão. Aos participantes da banca examinadora, o professor Mestre, Edilson Leite da Silva, à professora Doutora Joseane A. de Sousa Ferreira, à suplente, professora Especialista Maria Thaís de Oliveira. Agradeço a todos a gentileza de terem aceitado o convite.

De modo especial, ao professor Mestre Danilo de Sousa Cesário. Agradeço imensamente toda a dedicação, esforço e competência, que em nenhum momento deixou de prestar assistência e auxílio as orientandas. Ter tido você como orientador, e agora como coorientador, é para mim grande honra, por ter nesta etapa tão importante do curso um profissional eficiente e comprometido. Receba o meus mais sinceros agradecimentos.

E com grande emoção, agradeço aos presentes mais valiosos que a universidade proporcionou-me: Damares, Leandra e Daniele, o que seria deste curso sem vocês? Faltam palavras para descrever o quanto vocês três foram e são importantes, não apenas no curso em si, mas para a minha vida. Obrigada por comigo sempre estarem, por ajudarem-me quando

mais precisei, por me darem forças, coragem e persistência. Sempre estávamos juntos em todas as etapas, entre tamos e barrancos e desavenças, vencemos tudo, com união e muito amor.

É óbvio que não poderiam faltar os integrantes que completam esta equipe, Gonçalo, Gilvan e Fabrício. Junto de vocês tornamo-nos o Quarteto Fantástico e os Três Patetas. Equipe melhor ainda não foi criada. Todos vocês tiveram papel fundamental na minha trajetória, mesmo chegando ao fim desta jornada, jamais esqueceria nenhum de vocês. Tenho carinho imenso por cada um.

Por fim, agradeço por todos aqueles que de alguma maneira me ajudaram para a conclusão deste trabalho e do curso em si, de modo especial, à minha grande amiga, Magali. Deus nos manda anjos em forma de pessoas, e foram estes anjos que doaram um pouco do tempo, me aconselhando e apoiando no que fosse preciso.

O compromisso de educar na escola, na família ou em qualquer ambiente de convivência, além de ético pela natureza da ação, precisa ser afetuoso para acolher agressores, vítimas e espectadores, caso contrário será reprodutor da intolerância. Livrar-se da agressão, e não do agressor, deve ser o propósito de todos nós.

(CHALITA, 2008, p.97).



## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o papel do professor em parceria da escola e família frente às questões do bullying no contexto escolar. Desse modo, fez-se necessário conhecer o processo histórico do bullying e as contrapartidas educacionais a esse respeito, averiguando como o professor se põe diante as questões do bullying em sala de aula, identificando as principais violências (físicas e ou morais) ocorridas no âmbito escolar e caracterizar os planos de ações e metas utilizados pelo professor a fim de solucionar os problemas causados pelo bullying em sala de aula. Para a realização da pesquisa, seguiu-se algumas etapas: primeiro momento foi realizado uma pesquisa bibliográfica, no segundo momento deu-se a caracterização do campo de pesquisa, no terceiro momento foram caracterizados os sujeitos que participaram da pesquisa (uma coordenadora pedagógica, e três professoras), no quarto momento foi determinado o instrumento de coleta e de dados, sendo assim realizado uma entrevista semiestruturada, no quinto e último momento, foi apresentada como tipo de abordagem a pesquisa qualitativa e exploratória. A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas de rede Municipal e uma Estadual, na cidade de Cajazeiras-PB, em Maio de 2018. Com o intuito de colher informações precisas acerca da temática, teve-se como abordagem, a pesquisa qualitativa. Neste estudo conclui-se que é de responsabilidade da escola, da família e da sociedade desempenhar ferramentas de combate e prevenção do bullying escolar. É essencial salientar que os envolvidos no fenômeno são vítimas da própria violência local, na qual necessitam de auxílio para superar os conflitos que tanto causam impactos. É papel docente intervir quando presenciar cenas de violências, tanto física e/ou moral, para que mais na frente, não venha a ocasionar problemas na formação cognitiva, afetiva, emocional e social do indivíduo. Bullying, não é brincadeira. Bullying, agride, machuca, intimida e em casos extremos mata.

**Palavras-chave:** Bullying. Papel docente. Escola-família. Parcerias. Vítimas.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the role of teacher in school with family partnership referring to bullying issues in school context. In this way, it was necessary to know about the bullying historical process and educational counterparts in this respect, investigating how teachers confront bullying issues in the classroom, identifying the main physical and / or moral aggressions that took place in school environment, and characterize action plans and goals used by the teacher in order to solve problems caused by bullying in the classroom. To accomplish this research, some steps were necessary: first step, a bibliographical research was made, then, characterization of research field, third step, the subjects that participated of this research were characterized (a pedagogical coordinator, and three female teachers), fourth step, the instrument of collection and data was determined, and thus a semi-structured interview was carried out, and finally, qualitative and exploratory research was presented as a type of approach. Field research was carried out in two municipal and one state school, in the city of Cajazeiras-PB, in May of 2018. In order to gather accurate information about the subject, the approach was qualitative research. In this study it is concluded that it is a charge of school, family and society to create tools to tackle and prevent school bullying. It is essential to emphasize that those involved in the phenomenon are victims of local violence itself, and that they themselves need help to overcome the conflicts that cause so many impacts. It is a teacher's responsibility to intervene when witnessing scenes of violence, both physical and / or moral, so that in the future, this will not cause problems in the individual's cognitive, affective, emotional and social formation. Bullying is not a joke. Bullying harms, hurts, intimidates and, in extreme cases, kills

**Keywords:** Bullying. Teacher role. School-family. Partnerships. Victims.

## **LISTA DE SIGLAS**

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
CRCAA	Centro de Referência à Criança e ao Adolescente
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PPP	Projeto Político Pedagógico
PSE	Programa Saúde na Escola
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. BULLYING: UM OLHAR INICIAL SOBRE O PROBLEMA .....</b>	<b>15</b>
2.1. PERCURSO HISTÓRICO DO BULLYING .....	15
2.2 BULLYING: FENÔMENO DIRETO E INDIRETO .....	17
2.3 A ORIGEM DO PERFIL DOS AGRESSORES .....	20
<b>3. O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: IMPLICAÇÕES E ENTRAVES .....</b>	<b>23</b>
3.1 PAPEL DO PROFESSOR, FRENTE ÀS SITUAÇÕES DE BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR.....	23
3.2 O PAPEL DA FAMÍLIA FRENTE ÀS OCORRÊNCIAS DE BULLYING .....	26
3.3 PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA PARA O ENFRENTAMENTO DO <i>BULLYING</i> .....	28
3.4. AS LEIS COMO AUXÍLIO AO COMBATE DO <i>BULLYING</i> ESCOLAR.....	30
3.4.1 Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH .....	31
3.4.2 Responsabilidade Civil.....	32
3.4.3 Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA .....	33
<b>4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>35</b>
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	35
4.2. OS SUJEITOS E A UNIDADE PESQUISADA .....	37
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	38
4.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS .....	38
<b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: A INEFICÁCIA DO PAPEL FAMILIAR EM AUXÍLIO DA ESCOLA AO COMBATE DO BULLYING .....</b>	<b>40</b>
5.1 COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: COMBATE À VIOLÊNCIA .....	40
5.2 PROFESSORES: DESCONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DE VIOLÊNCIA PARA CONSTRUÇÃO DA PAZ .....	46
5.2.1 Compreensão acerca do fenômeno <i>bullying</i> .....	47
5.2.2 Táticas a fim de detectar o <i>bullying</i> em sala de aula .....	48
5.2.3 Métodos, técnicas e recursos empregados para trabalhar o <i>bullying</i> em sala de aula. ....	49
5.2.4 Profissionalização docente.....	51
5.2.5 O papel da gestão escolar frente o desafio de combate ao <i>bullying</i> .....	53
5.2.6 Inseguranças e desafios em trabalhar o <i>bullying</i> em sala de aula.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>69</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca estudar o papel do professor frente às questões de *bullying* na sala de aula. O *bullying* corresponde a uma série de agressões, seja física, intelectual e/ou moral, praticadas contra um indivíduo e/ou grupo com a intenção de intimidar, machucar e insultar. Estes ataques acontecem periodicamente, gerando nos agressores (sensação) de prazer e satisfação, pôr as vítimas serem vistas como vulneráveis e incapazes de se defender em dos ataques. Geralmente, esses aspetos de violência acontecem inicialmente dentro das salas de aulas através de “piadinhas” ou afrontas dirigidas a determinados colegas de classe. O *bullying* acontece nas instituições de ensino, sendo da rede pública ou privada. Nenhuma unidade de ensino está isenta do fenômeno.

É de fácil acesso se deparar com casos que retratam o *bullying* escolar, através da mídia e noticiários, que expõe tragédias dos acontecimentos reais e dolorosos envolvendo as vítimas. Faz-se necessário pensar que *bullying* tornou-se uma realidade concreta, que merece total atenção da equipe escolar, da família, da comunidade e do Estado, que têm dever em subsidiar e auxiliar no processo de paz nas escolas.

Diante disso, qual o papel do professor frente às questões de *bullying*? Qual seria a razão dos agressores cometerem atos tão radicais contra as vítimas? Qual é o papel da família? Quais são as leis que qualificam o *bullying* como crime? São exatamente estas perspectivas que será o foco do desdobramento deste trabalho, visto que, tornasse perceptível na atualidade, que violências escolares estão repercutindo cada vez mais e conseqüentemente cresce o percentual de casos, gerando uma situação crítica nas instituições de ensino.

Assim, este trabalho tem por objetivos analisar o papel do professor em parceria da escola e família frente às questões do *bullying* no contexto escolar. De modo a conhecer o processo histórico do *bullying* e as contrapartidas educacionais a esse respeito; identificar as principais violências (físicas e ou morais) ocorridas no âmbito escolar; caracterizar os planos de ações e metas utilizados pela equipe escolar a fim de solucionar os problemas causados pelo *bullying*; averiguar como o professor se põe diante as questões do *bullying* em sala de aula. Todos os objetivos aqui expostos, serão desmembrados nos respectivos capítulos presentes no trabalho.

Ao iniciar esta discussão, não deseja-se persuadir a ideia de que, o docente seja o único responsável em resolver estes problemas, entretanto, devido às agressões acontecerem inicialmente nas salas de aula, deve ser o professor o primeiro sujeito a detectar tais situações

de conflito, que deverão ser solucionada por toda equipe escolar, envolvendo a participação da família, comunidade e órgãos públicos, para assim, estabelecerem metas, desenvolverem estratégias para possíveis soluções, a fim de resolverem e/ou ao menos de amenizarem os problemas.

A necessidade de estudar sobre o papel do professor frente às questões do *bullying*, surgiu em três momentos. No primeiro momento, deu-se através de experiência própria, vivenciado por ser Paulista e está residindo no Nordeste. Os primeiros ataques de *bullying* iniciaram a partir da quinta série (nomenclatura utilizada), em que sofrendo preconceito linguístico, em decorrência do sotaque, por parte de alguns alunos e professores. Tímida, sem autoconfiança, sentava nas últimas cadeiras, a fim de que ninguém notasse. Esse comportamento perdurou por todo o período escolar, e os efeitos foram agravantes, na vida acadêmica. Até os dias atuais, existe uma grande ausência da intervenção docente, frente a essas situações de *bullying*.

No segundo momento, no 5º período do curso de Pedagogia, no Estágio I na educação infantil. Na intervenção do estágio, pudemos identificar casos de *bullying* graves na sala de aula do maternal devido à negligência da professora e da monitora. Na referida instituição três crianças com no máximo três anos, apresentavam um histórico de vida bastante conturbado. A primeira criança foi abandonada pelos pais, ficando sobre os cuidados da avó materna; a segunda residia no Centro de Referência à Criança e ao Adolescente (CRCAA), e a terceira criança com histórico de vida difícil ao lado de familiares, em que os pais são usuários de drogas. Essas crianças eram as que se destacavam, em termos de “bagunça” uma das formas as quais usavam para “chamar atenção”. O mais comum, foi presenciar que a professora e a monitora da turma, utilizam a realidade de vida das crianças para fazer gozações, insultos maldosos e exclusão deles com as demais crianças da classe.

No terceiro momento, surgiu o interesse em discutir profundamente acerca do tema, através da instituição de rede municipal, na cidade de Cajazeiras-PB, realizada o Estágio Supervisionado II, agora nos anos iniciais. Nisso, deparamos novamente com cenas de *bullying* dentro na sala de aula. Em detrimento de já termos realizados alguns trabalhos de campo na referida instituição, optamos em realizar parte da pesquisa do trabalho na escola em vigor.

A metodologia adotada respalda em cinco momentos: no primeiro momento foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, no segundo momento deu-se a caracterização do campo de pesquisa, no terceiro momento foram expostos os sujeitos que participaram da pesquisa, no quarto momento foi determinado o instrumento de coleta e de dados, sendo

assim realizado uma entrevista semiestruturada, no quinto e último momento, foi apresentada como tipo de abordagem a pesquisa qualitativa e exploratória.

Discutiu-se, acerca deste tema, pelo fato cujo, caso não seja dada atenção devida para estas questões, essas crianças crescerão com sentimento de desigual, não respeitarão o próximo e conseqüentemente terão desempenho negativo nos estudos e no contato com o meio social, além de encadear conseqüências no âmbito cognitivo e de saúde. É papel docente intervir quando presenciar cenas de violências, tanto física e ou moral, para que mais na frente, não venha a ocasionar problemas na formação do indivíduo. *Bullying*, não é brincadeira. *Bullying*, agride, machuca, intimida e em casos extremos mata.

Destarte, tendo por embasamento teórico/metodológico, Bardin (1977); Freire (1987); Fernandez (1992); Freire (1992); Brasil (1998); Costa (2002); Chalita (2008); Leite (2010); Melo (2010); Fante (2011); Guillain (2012); Correio (2013); Meotti (2013); Araújo, et al (2014); Piacentine (2018) e legislações que aprovam as agressões e ataques do *bullying* como lei.

Dando seqüência, será destacada a organização deste estudo. O segundo capítulo, “*Bullying*: um olhar inicial sobre o problema”, discute-se as principais características do que seja o *bullying*, apresentando os primeiros estudos sobre a origem do fenômeno, descrevendo os tipos de agressões, e os efeitos destes, na vida dos envolvidos, e quais são os integrantes que o compõe.

No terceiro capítulo, “O *bullying* no ambiente escolar: implicações e entraves”, aborda-se o papel da escola frente à violência escolar, discorrendo sobre o papel docente, da família e das legislações que têm por princípio assegurar proteção e justiça aos envolvidos no *bullying*.

O quarto capítulo, descreveu-se o percurso metodológico da pesquisa, apontando, o tipo de metodologia e pesquisa empregada. O instrumento de pesquisa utilizado foi à entrevista-semiestrutura, empregando-a com os quatro sujeitos entrevistados: uma coordenadora pedagógica e três professoras, da cidade de Cajazeiras-PB.

No quinto e último capítulo, realizou-se as análises de dados. Está seção, deu-se em dois momentos: “Coordenação pedagógica: Combate à violência” e “Professores: desconstrução da prática de violência para construção da paz”, de modo a confrontar a teoria estudada com a prática, descrevendo e analisando as informações coletadas através do instrumento de pesquisa empregado.



## 2. BULLYING: UM OLHAR INICIAL SOBRE O PROBLEMA

*Bullying*, palavra de origem inglesa, que tem por significado aquele que é valentão, que agride, machuca e humilha. É compreendido por *bullying*, todo e qualquer violência, agressão, intimidação e brincadeira, desde que uns dos lados não se sintam confortáveis com a situação (FANTE, 2011). São denominadas em muitos dos casos por “brincadeiras de crianças”, que se dá em detrimento da socialização entre os indivíduos, variam-se em ofensas, desde os atos mais simples, podendo ocorrer agressões fervorosas em eventos mais graves.

### 2.1. PERCURSO HISTÓRICO DO BULLYING

É possível identificar casos de *bullying* nas escolas através da mídia e noticiários, informações sobre acontecimentos reais e dolorosos deste fenômeno, tão presentes em nosso cotidiano. Faz-se necessário pensar que *bullying* tornou-se uma realidade concreta nas escolas, seja pública ou privada, merecendo atenção. Antes de qualquer coisa, é preciso analisar todo percurso histórico deste fenômeno, para assim, compreendermos a necessidade em atentar para os principais indícios de que o *bullying* possa estar ocorrendo na escola. Assim, Fante (2011) relata que

Em alguns países, existem outros termos para conceituar esses tipos de comportamentos. *MobbinG* é um deles, empregado na Noruega e na Dinamarca; *mobbing*, na Suécia e na Finlândia. [...] Na França denominam *hascèlement quotidién*; na Itália, de *prepotenza* ou *bullismo*; no Japão, é conhecido como *yjime*; na Alemanha, como *agressionen unter shülern*; na Espanha, como *acoso y amenaza entre escolares*; em Portugal, como maus-tratos entre pares. [...] no Brasil, adotamos o termo que, de maneira geral, é empregado na maioria dos países: *bullying* (p.27).

Pesquisas em torno do *Bullying* ocorreram após incidentes consequentes do fenômeno. Casos de jovens cometendo atos suicidas, ou ataques homicidas em instituições escolares, sem nenhum motivo aparente, foram tornando enigmas para a equipe escolar, família e sociedade. Qual seria a razão desses jovens cometerem atos tão radicais para solucionar os conflitos vivenciados? Diante deste acontecimento, houve preocupações dos familiares e profissionais da educação perante tais condutas. Sendo entre os anos de 1970 a 1973, em que pesquisas foram sendo desenvolvida na Escandinávia, Noruega, Suécia, estendendo-se por toda a Europa, locais nos quais o número de suicídio entre os jovens estavam alevantando (CHALITA, 2008).

É impossível mencionar o fenômeno, sem antes citar Dan Olweus, pioneiro nos estudos de *bullying*, sendo o propulsor em pesquisar, a fundo este assunto, trazendo contribuições e postura frente à questão. Em suas pesquisas na Universidade de Bergen, Noruega, Dan Olweus, desenvolveu trabalhos significantes sobre o fenômeno, aplicando questionários para professores e alunos, que propusessem em demonstrar questões até então desconhecidas, que pudessem compreender o perfil dos agressores e vítimas, identificando as causas e efeitos deste problema. Finalizando sua entrevista, com 84 mil estudantes de diferentes períodos escolares e 400 professores e mil pais (CHALITA, 2008). Ao pesquisar, Dan buscou entender os motivos que levaram os jovens em agir com atos violentos, seja contra outros alunos ou contra a si próprio, para isso entrevistou pessoas próximas dos envolvidos, inicialmente pelos professores, passando pelos colegas de classe, profissionais da instituição até chegar aos familiares.

Nesta ótica, Melo (2010) ressalta que:

Apesar da importância das pesquisas de Olweus, seus estudos não chamaram a devida atenção ao fenômeno. Somente em 1983, um novo fato deu destaque ao fenômeno *bullying*, na Noruega: três meninos, com idade entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio (p.25).

Percebe-se que, infelizmente o assunto ganhou impulso após tragédias envolvendo as vítimas, talvez este seja o problema principal, buscar soluções apenas quando a esfinge aconteceu. Olweus chama a atenção em trabalhar com medidas de prevenção antes mesmo de o fenômeno instalar-se. Se preparar para estas medidas, torna-se crucial para qualquer unidade de ensino, pois, todos os profissionais saberão como agir em determinado momento, sem sentimentos de insegurança e despreparo profissional.

No Brasil, casos de *bullying* estão frequentemente estampados em manchetes de noticiários, apesar disso, falar de *bullying* ainda é um tabu. Meotti e Pericoli (2013) trazem alguns casos de grande repercussão:

Em 2003, na cidade de São Paulo, um estudante obeso de 18 anos invadiu a escola onde estudava e feriu 5 alunos, e, em seguida, cometeu suicídio. Em 2004, na Bahia, um adolescente de 17 anos matou um colega e a secretária e as investigações revelaram que o garoto sofria com as brincadeiras feitas pelos colegas na escola [...] ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos invadiu a escola Tasso de Silveira, na cidade do Rio de Janeiro, e, armado com dois revólveres, matou 12 crianças, entre 12 e 14 anos, deixou 18 feridos, em seguida, se matou. Este caso ficou conhecido como a Tragédia do Realengo (2011). ( p. 69-70).

Contemplando apenas alguns casos de *bullying* ocorridos no Brasil de grande repercussão, conseqüentemente se abrangesse para outros países, o número triplicaria. Nisso, percebem-se quantos casos de *bullying* é acontecido em grande parte do país, Fante (2011), ressalta que é possível encontrar em qualquer escola (ocorrências) de *Bullying*, isto é, nenhuma instituição está isenta desta violência, seja pública ou privada, nacional ou internacional. É pertinente estarmos preparados, enquanto profissionais da educação, para enfrentar esta realidade que se torna impossível negligenciar.

## 2.2 BULLYING: FENÔMENO DIRETO E INDIRETO

Estabelecendo-se relações com diversos tipos de pessoas, que possuem costumes, características e especificidades diferentes das nossas, mas que devem ser respeitadas. Através da família, cria-se os primeiros vínculos afetivos e modos de ser e agir. A escola torna-se o segundo lugar de convivência, construímos através desta, relações interpessoais e processo de socialização.

É normal observar nas escolas brincadeiras entre as crianças, porém, estas merecem atenção por parte do professor, principalmente se forem com apelidos e “briguinhas”. É perceptível notar, até em que grau perpetua estas ações, mormente quando a criança/jovem demonstrar sinais de tristeza, vergonha ou raiva, devem ser intervindas imediatamente. É entendido por brincadeira, quando ambos os lados, se sentem confortáveis com a situação.

Inicialmente, os casos de *bullying* ocorrem nas salas de aula, perante a presença do professor, Meotti e Pericoli (2013), ressaltam que:

A sala de aula é o local destinado à aprendizagem, é onde o professor tem a função de construir conhecimentos, por meio da interação social. Durante a vivência nesse local, muitas atitudes são consideradas brincadeiras, como, por exemplo, colocar apelidos nos colegas, vaiar, esconder o material do colega. Mas se essas atitudes tiverem a intenção de magoar ou ferir, física e/ou psicologicamente um ou mais alunos, a violência pode ser identificada como *bullying* (p.67).

Durante os anos escolares, desentendimentos entre os colegas/amigos são constantes e corriqueiros. Apelidos variáveis são lançados uns aos outros, apelidos estes que podem ser ofensivos. Quem recebe tais nomenclaturas, sempre se demonstrará diante da situação, seja levando na esportiva, revidando os apelidos e rindo do contexto, ou podendo agir de modo oposto, sentindo-se triste, envergonhado perante as gargalhadas dos demais colegas. Ocorrendo de até mesmo, vingar-se pelos insultos, agredindo e machucando, por assim dizer, os demais colegas.

É preciso ressaltar que é considerado *Bullying*, quando as intimidações e/ou agressões são ocorridas frequentemente, com o mesmo indivíduo, causando no agressor sentimento de prazer e felicidade, quando a vítima chora, demonstra medo e sofrimento (PIACENTINI, 2017). Aumentando assim, a rigorosidade de seus atos, na tentativa de sentir-se superior.

Vale ressaltar que, além do docente conhecer e identificar o *bullying* faz-se necessário saber diferenciar agressividade de agressão. Fernandez (1992) esclarece a diferença:

Vamos diferenciar a agressividade de agressão. A primeira pode mediatizar-se, está dentro no nível simbólico. A agressão, em geral, tem a ver com a atuação agressividade e não está mediatizada, não inclui o nível simbólico. A agressividade faz parte do impulso de conhecer e a agressão, ao contrário, dificulta a possibilidade de pensar. A agressividade pode estar a serviço da autoria do pensamento. Para transformar-se em autor do seu próprio pensamento é preciso um quantum de agressividade. A agressão pode estar a serviço da destruição do pensamento (p.168).

O ato de agressividade faz parte do desenvolvimento cognitivo do sujeito, em detrimento do processo de conhecimento e aprendizagem. A agressão é o oposto, pois, o sujeito quando comete do ato, é tomado por ira e raiva, o que impede de raciocinar e analisar suas ações. O educador, não deve interromper o processo de agressividade do aluno, por ocasionar problemas no incremento cognitivo, motor e afetivo do mesmo. No entanto, é fundamental a intervenção docente assim que forem presenciados os primeiros indícios de agressão entre os alunos.

O fenômeno *bullying* é compreendido em dois aspectos: direto e indireto. Os atos diretos são tidos na maioria por agressores meninos, “atitudes mais frequentes identificadas nessa modalidade violenta são os xingamentos, tapas, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetitivos” (CHALITA, 2008, p.82). Estas ações são as mais presenciais nas instituições, geralmente as agressões acontecem em locais externos ao ambiente escolar, campinhos, terrenos e ruas com pouca movimentação, torna-se o lugar propício para executar os atos de violência contra as vítimas.

Os padecedores, são vistos pelos agressores por alvos “vulneráveis”, é o “gordinho” que não participa das aulas de educação física, a garota mais tímida, com poucos amigos, é o *nerd* que tira as melhores notas, podendo gerar em alguns dos alunos um sentimento de “inveja”. É o aluno com necessidades educacionais especiais, entre outros. Esses aspectos tornam-se fundamentais a fim do agressor utilizar, com o objetivo de sentir-se mais e melhor, sobre os “vulneráveis”.

No ato indireto, os ofensores são de grande parcela do sexo feminino, Chalita (2008) caracteriza:

[...] basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social. As estratégias utilizadas são as difamações, boatos cruéis, intrigas e fofocas, rumores degradantes sobre a vítima e familiares, entre outros. Os meios de comunicação costumam ser eficazes na prática do *bullying* indireto, pois propagam, com rapidez e dimensões incalculáveis, comentários cruéis e maliciosos sobre pessoas públicas (p.83).

Embora não aconteçam agressões físicas no *bullying* indireto, os efeitos não tendem a serem menores. As vítimas deste fenômeno veem sua imagem devastada, por calúnias e difamações, que perpetuam por todos os lugares, de maneira rápida. No filme, *Bully Virtual* (2012), do diretor Charles Binamé, é perceptível observar os efeitos degradantes que esta ação pode ocasionar. O filme, narra à história de uma jovem, que é agredida virtualmente nos *sites* de relacionamento, pelas colegas de classe. A estudante é humilhada, perdendo o interesse em frequentar a escola e manter amizades, isolando-se em seu mundo. Encontrando como única saída, a tentativa do suicídio.

Ainda que, seja uma história fictícia, retrará a realidade de muitos dos jovens. Nisso, Guillain (2012) dar algumas dicas para evitar transtornos ao acessar a internet:

Ao ser contratado por alguém que não conhece pessoalmente, evite fornecer seu nome completo, idade, escola ou endereço; Só aceite encontrar pessoas que conheceu através da Internet se seus pais souberem quem são e se eles acompanharem o encontro; Tenha cuidado ao escolher um nome de usuário, ele não pode conter seus dados pessoais; Se alguém for agressivo com você, não responda (p.27).

Por vivermos em uma sociedade midiática, em que, tudo se conecta através da *internet*, as redes sociais são utilizadas por quase todos, o que facilita o entrosamento social. Sendo possível manter relacionamentos, fazer amizades, buscar informações, e também utilizar esta ferramenta com objetivo negativo, isto é, degradar a imagem de uma pessoa, criar montagens fazendo fotos constrangedoras, expor para um grande público, algo de cunho pessoal, de forma rápida e fácil. Nessa situação a vítima fica exposta às diversas ofensas, tornando complexo em identificar o agressor, por se discernir através de perfil e contas de acesso falso.

As consequências do *bullying*, seja indireto ou direto, tendem a ter o mesmo impacto para as vítimas. Fante (2011) aponta algumas das implicações resultantes do fenômeno:

[...] a vítima poderá desenvolver reações intrapsíquicas, com sintomatologias de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaleia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem

como reações extra psíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas (p.80).

Percebe-se que o *bullying*, afeta diretamente na saúde dos envolvidos, causando impactos nos aspectos emocionais, afetivos, psíquicos, prejudicando os estudos e a vida social. A intervenção no fenômeno é algo crucial nas instituições de ensino, toda iniciativa de combate ao *bullying* deve ser planejada, administrada e executada eficazmente. Trabalhar o problema, antes mesmo, de instalar no interior das escolas, é uma atitude que deveria ser tomada por toda e qualquer unidade de ensino.

### 2.3 A ORIGEM DO PERFIL DOS AGRESSORES

Uma das principais perguntas direcionada ao indivíduo que se torna um agressor é por quê? Como machucar, fazer sofrer alguém e mesmo assim gerar sentimento de prazer ao ver o outro chorar e não ter compaixão? Talvez as respostas estejam relacionadas ao modo de vida desses.

No entanto, é a família o nosso primeiro contato. Freire (1992) enfatiza que é através dos laços familiares que desenvolvemos relações afetivas, sociais, valores (certo e errado), empatia, compaixão e o amor. Se este elo, por algum motivo é interrompido por situações negativas e graves, toda personalidade do indivíduo pode vir a ser afetada.

Uma criança, que desde os primeiros dias de vida, não recebe orientações, sempre ganha o que deseja, é criado apenas para vencer, mesmo que ultrapasse os valores morais, conseqüentemente, não fará diferente quando crescer. Aprenderá que, sempre ganhará e será o “melhor” de todos. Entenderá na sua visão de mundo, que rico é melhor que o pobre, e por ser de raça branca, tem mais oportunidades que o sujeito de cor negra.

“Pessoas vítimas de preconceito são afetadas em sua autoimagem e autoestima, sofrimento psicológico muito acentuado além de experimentarem muitas dificuldades nas relações consigo e com outras pessoas” (COSTA, 2002, p.26). Conseqüentemente o mesmo chegará à escola, e expressará este ideal para os demais alunos, gerando desta forma, preconceito e agressão com o próximo.

Outro fator que pode compactuar para uma criança e ou jovem a ser um agressor são as violências ocorridas nos lares. Autoras como, Araújo et al (2014) enfatizam que:

A identificação da violência, conforme os professores, ocorre por meio da observação comportamental da criança, como tristeza, angústia, ausência de cuidados, agressividade e machucaduras. Ressaltam também que as histórias

que as crianças trazem de casa são obtidas após convívio e vínculo que criança e o professor estabelecem (p.132).

Quando uma criança é maltratada dentro do seu próprio lar, frequentemente, tende em manifestar sinais de alterações de humor, atos violentos, dificuldade em se relacionar, falta de concentração na aprendizagem, entre outros pontos devem ser atentos acerca do olhar do professor, perante outras características que o alunado venha a demonstrar. É neste, contexto que crianças são criadas em ambientes violentos, tendem em serem agressivas em outras condições, principalmente na escola.

Ao se depararem com colegas aparentemente “frágeis”, depositarão sobre a vítima, suas frustrações, medos, raivas das agressões vivenciadas no lar. Caso esta relação não seja rompida, esta criança crescerá, desenvolvendo perfil violento, que permanecerá ao longo de sua vida. “[...] o comportamento da criança é singular, ou seja, cada indivíduo reage e manifesta-se de uma forma, frente à violência vivenciada em casa” (ARAÚJO, et al, 2014, p.132). Não necessariamente, toda criança que vivência alguma violência, virá a se tornar um agressor. Contudo, difere-se com a forma que cada um procede perante a situação.

Melo (2010), aponta algumas condutas, que geralmente os agressores agem e demonstram nas relações estabelecidas, no cotidiano:

É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool de se sentir atraído por más companhias. Seu rendimento escolar, nas séries iniciais, pode ser normal ou estar acima da média; nas demais séries, em geral ainda que não necessariamente, obtém notas mais baixas e desenvolve atitudes negativas para com a escola (p.36).

O diálogo e a prevenção tornam-se cruciais para que todas as situações sejam solucionadas, tanto para as vítimas quanto para os agressores. Assim o educador poderá obter informações concisas, acerca dos acontecidos, e a partir daí, traçar métodos, planos e projetos, junto com a equipe escolar e a família dos envolvidos, para administrar os conflitos. O que dificulta neste contexto, é o medo da vítima em expor a verdade à tona, seja por sofrer ameaças por parte do agressor, ou receio de não acreditarem nas versões relatadas. Se a criança sentir confiança em relatar os fatos, tende a tornar a situação mais fácil a ser solucionada.

Outra adversidade a ser analisada, retrata na figura do agressor e perante as consequências dos seus atos, na vida da mesma. Pesquisas demonstram que parcela

significativa dos agressores, desenvolvem condutas criminosas, caso a escola em comunhão da família, não busque medidas eficazes para interferir nas práticas de violências.

Em suas pesquisas, Fante (2011) aponta que:

O agressor (de ambos sexos) envolvido no fenômeno estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida... afinal foi assim nos anos escolares (p. 81).

São nítidas as sequelas deste fenômeno, na vida dos envolvidos. Medidas *anti-bullying* devem ser administradas e executadas em toda instituição de ensino, de modo que se faça presente, antes mesmo dos atos acontecerem. A família tem papel fundamental, pois será ela a responsável em fazer o acompanhamento e mediação para com a escola.



### 3. O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: IMPLICAÇÕES E ENTRAVES

Pesquisas demonstram que nenhuma instituição de ensino está isenta das ocorrências de *bullying*. Nisso, percebe-se a necessidade em estar preparado para combater e evitar a propagação deste problema no âmbito escolar, para que nenhuns dos integrantes que compõe a mesma sejam prejudicados. Gestão, alunos, professores, funcionários, familiares e a comunidade escolar devem estar cientes deste problema, para assim, realizar um trabalho eficaz, transformando positivamente a vida dos envolvidos, que sofrem as consequências do fenômeno.

#### 3.1 PAPEL DO PROFESSOR, FRENTE ÀS SITUAÇÕES DE BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Discutir *bullying* na sala de aula não é tarefa tão simples, pois, o objetivo não é jogar toda responsabilidade sobre o professor, mas sim, determinar que o mesmo seja executor de um papel, cuja incumbência não se isenta de intervir em condutas violentas dentro do âmbito escolar.

O aluno tende há passar mais tempo na escola dentro das salas de aula, junto com seus colegas e professor. Diante disso, o professor é fundamental para identificar qualquer atitude suspeita do ato. O *bullying* inicialmente começa dentro das salas de aulas, com apelidos pejorativos, exclusão de alguns alunos, deboches e brincadeiras de mau gosto. Caso o docente negligencie tais posturas, oportunizará os ofensores em manter tais comportamentos contra os demais.

A partir do primeiro dia de aula, o educador deverá transparecer que não será permitido *bullying*. Esclarecendo os impactos que este pode ocasionar, tanto para a vítima, quanto para o agressor, tais como: ansiedade, medo, pânicos, baixo rendimento escolar, dificuldades de aprendizagem, timidez, isolamento, depressão e em estado agravante, pensamentos suicidas (CHALITA, 2008).

Pelo que se podem observar em muitos dos casos de *bullying*, o agressor age pela ignorância, isto é, pela falta de conhecimento de seus atos. Acreditam que tudo não passa de uma brincadeira e que a vítima não vai adquirir surtos psíquicos, problemas na aprendizagem, vida social e/ou cometer ao suicídio.

Entretanto, faz-se necessário evidenciar o papel da família frente à criação de seus filhos. Consta que em alguns casos, as famílias, tanto nas figuras paterna, quanto materna, há

necessidade dos mesmos a trabalhar fora, em prol de atingir a um padrão de vida estável. Com isso, é comum que os responsáveis pelas crianças se tornem um pouco ausentes na criação, permitindo o uso de tecnologias por longos períodos. Às vezes, sem questionar os vínculos de amizade que seus filhos interagem, não perguntam como foi o seu dia, como se sentem e/ou coisas do tipo. Assim, Chalita (2008) discute que:

Correríamos o risco de rotular famílias inteiras, imputando toda a culpabilidade do fenômeno *bullying* aos lares desprovidos de afeto. Mas, seguramente, a ausência do afeto e do acolhimento, no ambiente familiar ou escolar, um fator que merece vigilância e intercessão (p.87).

Esses empecilhos podem ocasionar uma quebra de relação, pois, se sabe que o primeiro grupo que o indivíduo estabelece relações é o familiar. Nele adquirimos posturas frente aos diferentes papéis, na qual cada integrante ocupa dentro do grupo. Dada à situação apresentada, contraímos para si posturas, modos de agir, de se ver e ver o outro, perante o elo estabelecido nos vínculos convívios, condicionando tais atitudes que perpetuem ao longo da vida (FREIRE, 1992). É interessante, nesta perspectiva, o docente procure ao máximo compreender o aluno, enxergando o seu eu, de modo a não prejudicar seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, desta maneira o sujeito também consiga desenvolver sentido de alteridade.

Nessa ótica, Leite (2010):

O professor vence ou é derrotado na profissão não apenas pelo seu saber maior ou menor, mas principalmente pela sua capacidade de lidar com os alunos e ser aceito por eles; a criança é feliz ou infeliz, na medida em que seja aceita pelos colegas e consiga entender-se com eles (p.304).

Entraves e desafios no trabalho docente são comuns, é um exercício que envolve pessoas, compostas de vontades, desejos e especificidades diferentes. Em alguns momentos, é possível do professor sinta-se derrotado e não saiba como agir diante de tais conflitos. Torna-se necessário conhecer a realidade de seus alunos, identificar qual papel estabelecido nos grupos, primário e secundário, compreender as percepções, frustrações e anseios que cada um deles leva consigo. Não é uma tarefa fácil, mas deve ser trabalhada. Um método comum utilizado por muitos docentes são, pedir aos alunos a escreverem, em forma de diário, sobre sua vida familiar e escolar. Tal método possibilita conhecer mais as relações estabelecidas cotidianamente pelos os estudantes. Fante (2011), ao falar sobre as habilidades e capacitação do professor:

É necessário que os nossos professores sejam capacitados e habilitados para lidar com esse fenômeno, uma vez que ele os atinge diretamente, a considerar o baixo rendimento, observado em vários alunos, como “resultado do seu trabalho”; também os afeta veladamente, de maneira sutil e estressante, dentre outros motivos, pelo fato de ser o professor um ser emocional, capaz de perceber e captar tanto as atitudes de interesse dos alunos como o clima emocional da turma (p. 67).

O maior entrave docente está na sua formação acadêmica. Muitos cursos de formação, não preparam o futuro docente para lidar com o aluno em suas limitações e necessidades. Tomando norte por esse debate, Fante (2011):

Esse despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicas que unicamente os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada a necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos (p. 68).

Cursos de formação, não preparam o docente para encarar a realidade de jovens sem a figura materna e/ou paterna, na qual, parcela destes discentes vem de um contexto periférico, de drogas e de criminalidade. Como enxergar este aluno em uma turma composta de 30 estudantes? Como trabalhar com cada discente focando nas suas necessidades? O impacto inicial do docente ao adquirir estas informações, é desistir da turma, tachar os alunos em “impossíveis de aprender”, e tais denominações reforçam os instintos dos sujeitos violentos, que se sentem esquecidos e invisíveis na escola, na família e na comunidade.

Cleo Fante (2011), baseada nos estudos de Dan Olweus, apresenta alguns comportamentos para os professores observarem nos alunos em prol de identificar possíveis vítimas:

Durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto? Na sala de aula tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso? Nos jogos em equipe é o último a ser escolhido? Apresenta-se comumente com aspectos contrariado, triste, deprimido ou aflito? Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural? Falta às aulas com certa frequência (absenteísmo)? Perde constantemente os seus pertences? (p. 75).

É pertinente comparar se o comportamento dos alunos modificou a partir de determinado momento, procurar conversar com o aluno individualmente e interessar-se em colher informação precisa para intervir, caso necessário. O *bullying* indireto torna-se mais difícil de ser interferido, visto que, a vítima deve tomar iniciativa em procurar ajuda. O professor pode aconselhar e acompanhar, mas é dever da vítima dar ocorrência.

Nessa mesma perspectiva, Fante (2011), ressalta também como identificar os possíveis agressores:

- Faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil?
- Coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de forma malsoante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama?
- Faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dão socos, pontapés, beliscões, puxam os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimento?
- Pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento? (p.75).

A intervenção docente frente estas condutas são necessárias, visto que, caso o professor finja não ver tais atitudes, deixará os agressores à vontade em repetir tais atos. Neste sentido, pode-se agravar em ambientes com pouca movimentação, tais como banheiros, corredores e áreas externas da escola. Negligenciar as ações negativas dos discentes pode acarretar sérios problemas que a vítima enfrentará frente ao agressor.

### 3.2 O PAPEL DA FAMÍLIA FRENTE ÀS OCORRÊNCIAS DE BULLYING

Para solucionar os problemas e questões do *bullying*, a família dos envolvidos (vítimas, agressores e testemunhas) tem função primordial para combater este fenômeno e amenizar os impactos destes.

A família é a responsável em acolher, proteger, amparar, cuidar, orientar e amar. Todo sujeito, independentemente dos padrões em que vive, sente a necessidade de ser protegido, cuidado e amado, por aqueles que desde a infância estão presentes consigo. Chalita (2008, p.168) ressalta que “[...] do amor nasce a relação de confiança, cumplicidade e responsabilidade com a vida do outro”, e quando estes valores são trabalhados a criança/jovem reproduzirá nas relações estabelecidas aquilo que se aprende e vê diariamente em seus lares.

Quando este elo é quebrado, pode vim abrir espaço para a violência. É comum deparar com relatos de pessoas que vivenciaram agressões físicas e morais em seus lares, seja por questões alcoólicas, de drogas, por métodos tradicionais de educação, na qual o castigo físico é utilizado para educar, ou por nenhum motivo aparente. As crianças e os jovens, muitas das vezes, passam a reproduzir socialmente tudo aquilo que visualizam em casa e/ou na sociedade pelas pessoas próximas. Assim, Chalita (2008) afirma que:

Crianças e jovens imitam aqueles que admiram. O pai agressor, que intimida o filho, pode gerar um filho agressor que desconta nos outros o que não

consegue fazer com o pai. Ou o pai que não demonstra interesse pelos filhos pode gerar um filho que agride os outros para chamar atenção (p. 176).

Nestas relações, os envolvidos não criam confianças em seus responsáveis, não se sentem protegidos nem amados, e conseqüentemente, reproduzem os comportamentos vivenciados nas demais relações estabelecidas, entre elas, na escola.

Em suas pesquisas, Fante (2011, p. 53), aponta que “Quando às determinantes do fenômeno, o fator familiar foi o preponderante, sendo que 73% dos envolvidos em bullying disseram que reproduziam a violência sofrida em casa contra os companheiros de escola”.

Sobre essa discussão, Chalita (2008, p.173) aponta que “O espaço não preenchido pela família acaba sendo preenchido por alguém que, não necessariamente, fortalecerá a autoimagem da criança e do jovem”. Chalita discorre que esta quebra é preocupante, pois seria papel dos pais/responsáveis dar exemplos para as crianças se espelharem, e agir conforme são ensinados. Faz-se necessário, diante de tais fatos, ficarem atentas para as atitudes dos jovens. Quando crianças, as expressões são mais visíveis, sentem fome, medo, dor, entre outros, e os responsáveis sabem identificar as necessidades dos seus filhos.

Ao crescerem, dobra a atenção, entre elas, quando envolve o *bullying*, por ser uma violência silenciosa, e quem sofre, sente medo de falar e pedir ajuda. “A vítima nem sempre tem em sua ‘bagagem’ habilidades pessoais desenvolvidas para livrar-se da agressão, ou nem sempre encontra espaço para compartilhar com os pais o sofrimento por qual ela passa” (CHALITA, 2008, p. 174). É clara a importância em demonstrar a seus filhos, desde sempre, a confiança e o acolhimento em relatar de tudo que acontece e aflige-os, para, juntos, procurem soluções eficazes. As crianças e os jovens carecem do sentimento de proteção na família para procurar ajuda sempre que necessário.

Nesta ótica, Chalita (2008) aponta alguns pontos para que os pais fiquem atentos a alguns indicadores suspeitos, de que seus filhos possam ser uma vítima deste fenômeno:

Desinteresse pela escola: a criança ou o jovem inventa desculpas para faltar às aulas, demonstra falta de vontade de ir para a escola; Abandono dos estudos: demonstra desleixo gradual nas tarefas escolares e queda no rendimento escolar; Medo da escola: não quer mais ir e vir sozinho; Marcas da intimidação: volta da escola com roupas e livros rasgados, muitas vezes com machucado inexplicáveis; Sinais de isolamento: raramente está com amigos torna-se fechado e arreadio; Mudança de comportamento: muda de humor de maneira inesperada (p. 174).

Com os agressores também não é diferente. Os mesmos apresentam comportamentos comuns e que podem ser identificados, devendo despertar a atenção dos responsáveis. Chalita (2008) enfatiza:

Ar de superioridade: chega da escola com roupas amarrotadas e não esconde o ar de superioridade e orgulho pelo feito; Sinais suspeitos: porta objetos e dinheiro de procedência inexplicável; Agressividade: é hostil, desafiante e agressivo com os pais e os irmãos. No enfrentamento não leva em conta a hierarquia familiar, a idade ou a força física; Habilidade: normalmente é habilidoso para sair de situações de constrangimento; Dominação: domina ou tenta dominar as pessoas para exteriorizar sua autoridade (p. 175).

Todos esses sintomas devem ser trabalhados. Os responsáveis necessitam escutar seus filhos e saber os motivos pelo quais agem desta maneira, procurando mediação com a escola, a fim de solucionar estes conflitos e entraves de modo eficaz. Neste sentido, a parceria entre família e escola seria uma ótima solução para o enfrentamento do *bullying* nos âmbitos sociais.

### 3.3 PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA PARA O ENFRENTAMENTO DO *BULLYING*

Segundo Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), cerca de 60% dos casos de *bullying*, acontecem inicialmente dentro das salas de aulas. Vale ressaltar que o professor não é o único responsável em solucionar este fenômeno; é preciso uma comunhão entre professores, alunos, equipe escolar e família.

Quando a família faz-se presente na instituição, participando sempre que necessário para assessorar no acompanhamento dos alunos, torna-se eficaz todo processo de ensino desenvolvido na mesma. A equipe escolar só poderá ter conhecimento dos casos vivenciados pelos discentes em seus lares através da presença dos responsáveis na instituição. Do mesmo modo, os responsáveis poderão acompanhar o desempenho e condutas dos seus filhos, frequentando e compartilhando dos trabalhos desenvolvidos na escola. É cada vez mais alarmante o crescente número de indicadores sobre as agressões na sociedade. Fante (2011) aponta que as:

Estatísticas indicam que 80% dos viciados em drogas têm problemas familiares graves. Portanto a minimização da adoção de condutas antissociais e agressivas pode estar na família. A parceria família-escola muito tem a contribuir para ajudar os alunos na mudança de atitudes e comportamentos (p. 149).

Através da mediação entre escola e família, os alunos compreenderão que a escola dá importância nas relações estabelecidas pelos mesmos, dentro e fora da instituição, por incluir a família e a comunidade para integrar no processo de ensino e aprendizagem.

O *bullying* é um problema e administrá-lo a fim de solucionar é uma atitude viável por qualquer unidade escolar. Fingir que o problema não existe, só irá expandir o fenômeno com maior facilidade. Nessa vertente, faz-se necessário conhecer os personagens deste fenômeno, de modo a preparar toda equipe escolar para saberem identificar quando acontecer os atos de violência.

Melo (2010) ressalta os seguintes agentes:

- Vítima típica: a vítima típica é um indivíduo (ou grupo) geralmente pouco sociável, que sofre as consequências dos comportamentos agressivos de outras e que não dispõe de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar essas condutas prejudiciais.
- Vítima provocadora: aquela que provoca e atrai reações agressivas contra quais não sabe lidar com eficiência;
- Vítima agressora: aquela que reproduz os maus tratos sofridos;
- Agressor: aquele que vitimiza os mais fracos. O agressor, de ambos sexos, costuma ser o indivíduo que manifesta pouca empatia.
- Espectador: é o aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica, representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor (p. 34-36).

Percebe-se que a vítima agressora, passa a reproduzir em outro, os infortúnios e dores pela qual foi submetida, numa fútil tentativa de se libertar da situação que vivencia. “É que, quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores” (FREIRE, 1987, p.7). O oprimido passa a ser opressor. Conhecer os agentes do *bullying* é ferramenta crucial para a equipe escolar, pois é através das vítimas que se pode chegar a identificar o agressor, e respectivamente, conduzir o problema de modo eficaz.

Uma gestão, que não analisa os benefícios em integrar a comunidade escolar, é uma gestão que tendem a cair ao fracasso. A sociedade atual clama e necessita de maior atenção, devido às relações ser mais expansivas, em decorrência da tecnologia e das esferas midiáticas. O supervisionamento destas relações deve ser monitoradas pelos responsáveis e pela instituição escolar. Mas como, manter está troca de informações, se a gestão não realiza e exerce da democracia entre os agentes que a formam?

Nessa perspectiva, Melo (2010) enfatiza que:

A escola é um dos primeiros ambientes em que os indivíduos são levados a estabelecer relações com pessoas fora do seu universo familiar, por isso ela se torna um lugar não só de apreensão de conteúdos, mas também de socialização. Na medida em que a escola se compromete com o futuro dos seus educandos e promove a gestão participativa, ela se torna modelo

de relacionamento social, pois educar para a democracia exige posicionamentos e práticas democratizantes (p. 4).

Uma instituição conhecedora destes valores tende a oportunizar a participação familiar no processo educativo dos educandos. Consequentemente, trabalharão assiduamente para solucionar os entraves e desafios advindos do fenômeno *bullying*.

Infelizmente, parcelas significativas dos familiares interpretam a participação na escola de forma equivocada. Entendem que a escola precisa de seus serviços para questões de limpeza, auxílios voluntários, entre outros. É dever de a gestão exemplificar o papel da família, de modo a não haver sentidos contraditórios, para assim a participação acontecer de forma harmoniosa e interativa.

Quando um responsável suspeitar que seu filho sofra, e/ou execute do *bullying*, não deverá tomar medidas por conta própria, pra não prejudicar e/ou favorecer na violência. Deverá buscar apoio junto com a comunidade escolar. Melo (2010), baseado nas pesquisas e nos projetos de Fante de combate ao *bullying* executados em algumas escolas no Brasil, estabelece alguns pontos eficazes para os pais auxiliarem no processo *anti-bullying*. Melo (2010) ressalta que:

Os pais devem estimular constantemente o filho a contar o que lhe ocorre na escola, de maneira franca e aberta; os pais não devem tomar nenhuma iniciativa contra o agressor, a não ser comunicar o fato à direção da escola e exigir que busquem informações sobre os programas que estão sendo desenvolvidos em outras escolas e comunidade para combater o *bullying*; Os pais não devem estimular o filho a revidar os ataques; Os pais devem sugerir ao filho que evite o agressor e busque a ajuda do professor, do treinador ou de outro que saiba como agir nesses casos (p. 41).

A escola deverá, caso ainda não tenha, desenvolver projetos de combate ao *bullying*. Caso já desenvolva, deverá analisar a situação, garantindo a segurança total da vítima.

Os funcionários também têm função ímpar neste processo por serem os responsáveis em monitorar os alunos nas demais dependências da escola, bem como, pátios, corredores e banheiros. É pertinente, preparar os funcionários de modo, a saber, identificar quando presenciar qualquer tipo de violência. “Quanto aos locais de maior ocorrência da violência, a maioria disse ser o pátio e que os tipos que mais presenciavam eram os de expressão verbal, 62%, contra 34% de violência física” (FANTE, 2011, p. 58). Os professores e a gestão deverão ser comunicados imediatamente.

#### 3.4. AS LEIS COMO AUXÍLIO AO COMBATE DO *BULLYING* ESCOLAR



Dentre todos os pontos até aqui traçados, fica nítida a relevância do tema. As consequências acarretadas pelo *bullying* demonstram que não se trata de brincadeira entre crianças e jovens, mas sim, de um problema social, propulsor em encadear traumas psíquicos e físicos, irreversíveis na vida dos personagens deste fenômeno.

Quando a escola não buscar solucionar eficazmente os conflitos ocasionados pelo *bullying*, a família dos educandos tem por direito exigir a atuação ativa da instituição, através das leis que determinam e asseguram a segurança e bem-estar dos envolvidos.

### **3.4.1 Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH**

Esta declaração garante os direitos igualitários para todos, independentemente das suas especificidades, como forma de acabar com o preconceito e desigualdade social que tanto faz vítimas. Correio (2013) afirma que

O mundo vivenciou, ao longo de sua história, inúmeras situações de desrespeito à integridade do ser humano. Prova disso, foram a Primeira e Segunda Guerras Mundiais que dizimaram um grande número de pessoas. Essas experiências de afronta aos direitos mínimos dos cidadãos fizeram com que a maioria dos países do mundo se reunisse no ano de 1945, com o objetivo de criar uma instituição para zelar pelo respeito aos direitos humanos e promover ações humanitárias em países em situação de risco. Assim, criou-se a Organização das Nações Unidas (ONU) no sentido de realmente combater qualquer tipo de agressão ao ser humano, a qual editou, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) (p. 275).

Com o *bullying* também não é diferente. Os envolvidos neste fenômeno são prejudicados na vida social, afetiva, emocional, cognitiva e psíquica. Sentem medo em procurar ajuda, perdem o interesse em estudar, em se relacionar, acreditam serem merecedores das situações vivenciadas. São alvos de preconceitos e discriminação, por terem consigo características específicas, características estas, usadas para denegrir negros, homossexuais, pessoas com cabelos cacheados ou crespos, ou, em sua estatura, alto demais, ou baixo, magro ou gordo, ou ter algum tipo de deficiência, na qual consiste em alguns dos fatores que o agressor utiliza para ridicularizar, machucar e magoar as vítimas. A instituição conhecedora dos preceitos estabelecidos na DUDH deverá transmitir para os educandos a necessidade em respeitar o outro. Igualdade social é direito para todo e qualquer cidadão.

Na Declaração, situa no artigo 1<sup>a</sup>, que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (DUDH, 2009, p.5). As práticas do *bullying*

contrariam o pressuposto do documento, pois, os agressores agem de modo desumano e desprezível contra as vítimas.

A Constituição Federal de 1988 vai de encontro com a DUDH, por “[...] promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, art.3º, inciso IV). Ainda no art. 5º da Constituição, estabelecido no inciso III, “[...] ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante”. Ao se praticar da violência, seja física e/ou verbal, é interferido no direito, atingindo a personalidade das vítimas por causar danos físicos e psicológicos. Os agressores denigrem e perpetram agressões, colocando em risco a vida das vítimas.

Cabe ressaltar ainda que embora a escola, a família e a comunidade tenham papel fundamental no processo de combate ao *bullying* escolar e instaurar a cultura da paz, é dever do Estado implementar leis que auxiliem as instituições de ensino.

### **3.4.2 Responsabilidade Civil**

Dentre as leis que salvaguardam os direitos aos cidadãos, até então, não havia nenhuma lei específica que apontasse como crime os atos de *bullying*, sendo a partir das leis existentes que as práticas e ações dos agressores poderiam ser identificadas por crime. Correio (2013, p. 280) defende que “[...] é visível que uma legislação federal acerca dessa matéria facilitaria a aplicação de uma sanção em face da prática do bullying na realidade escolar e tornaria mais nítida a relação do *bullying* com a responsabilidade civil.

É de fácil acesso encontrar registros de jovens que se suicidaram, e/ou como forma de vingança, praticou do homicídio contra os agressores, em decorrência dos impactos vividos. Progressivamente estes casos estão crescendo e gerando mais vítimas. Assim, a responsabilidade civil tem a função de “[...] enunciar a importância da proteção de inúmeros direitos individuais sob pena de a violabilidade desses direitos sofrerem ação indenizatória” (CORREIO, 2013, p. 281).

Em muitos locais, a escola que antes tinha por caráter educar, acolher e proteger, passa a ser um lugar de medo e incertezas. O professor fica diante de uma turma composta entre trinta alunos (ou até mais), em situações de agressão e desrespeito. Alunos advindos de um contexto vulnerável, violento, refletem para o interior das escolas situações vivenciadas no exterior. A escola, sozinha, não é capaz resguardar a educação e segurança de seus integrantes. A parceria escola, família e sociedade são imprescindíveis.

Recentemente, foi instaurada a Lei 13.663 de 14 de Maio de 2018, que abrange o fenômeno *bullying* em todos seus aspectos. É alterada a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, no art.º 12, passando a vigorar no art.º 12 os incisos IX e X:

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas; X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas (BRASIL, 2018, art.º 12, incisos IX e XX).

Ainda é incrementado na Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940, do Código Penal, no Art.º 122 que:

Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça: Pena - reclusão, de dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave; Parágrafo único - A pena é duplicada: Aumento de pena, I - se o crime é praticado por motivo egoístico; II - se a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência. Infanticídio (BRASIL, 1940, art.º 122).

Ao praticar do *bullying*, está induzindo o outro a situações desumanas e monstruosas, é retirado da vítima o desejo de viver, por conviver no contexto de medo, insegurança, vergonha entre outros impactos que atingem diretamente o psicológico e estado físico do envolvido. É a partir das leis e conhecimento das mesmas, que instituições de ensino e as famílias dos envolvidos poderão exigir auxílio e direito cabíveis. O agressor será devidamente condenado pelos seus atos e a vítima se sentirá segura ao procurar ajuda e relatar as ocorrências sofridas.

### **3.4.3 Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA**

Entende-se por cidadania, garantir todos os direitos e deveres prescindíveis para se viver em sociedade, direitos éticos, políticos e sociais. Para que estes princípios sejam oferecidos na formação do educando, qualquer instituição de ensino tem por norte o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que estabelece no Art.º 16 o direito à liberdade, compreendido nos seguintes aspectos:

I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - crença e culto religiosos; IV- brincar, praticar esportes e divertir-se; V- participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII - buscar refúgio, auxílio e orientação (BRASIL, 2015, art.º15, incisos I-VII).

A instituição que leva a sério os aspectos estabelecidos compreende sua função social. É encargo de toda instituição de ensino favorecer os valores éticos, morais, políticos, sociais e culturais. Favorecendo a recreação, lazer, atividades físicas e lúdicas. Educar é mais que transmitir conteúdos e disciplinas, educar é preparar o estudante para viver em sociedade, saber impor opiniões, lutar por seus direitos, conhecer os deveres, ter voz ativa, respeitar as diferenças.

Nesta ótica, o Eca determina no art.17:

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais (BRASIL, 2015, art.º 17).

É inevitável negar os entraves advindos da prática do *bullying*. A vítima perde sua liberdade, é inserida em situações constrangedoras, violentas, desumanas. Veem-se confrontadas, em muitos dos casos, imergem o desejo de desistir dos estudos, em busca de livrar-se dos conflitos vivenciados. É através, da mediação do professor, da equipe gestora e da família, com base das ocorrências, assegurados pelas legislações em vigor, que o *bullying* será solucionado de modo eficaz. A escola não deverá, em hipótese alguma, negar proteção aos envolvidos.

## 4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Precedentemente foram abordados alguns pontos introdutórios a respeito do bullying escolar, sendo possível conhecer e saber identificar o fenômeno através dos diversos estudos realizados pelos estudiosos do tema. Deste modo, este capítulo aborda os recursos metodológicos adotados que traz validade científica para o tema proposto.

### 4.1 TIPO DE PESQUISA

Segundo Barros (1990, p. 12-13), o conhecimento científico é “[...] um processo desencadeado progressivamente, em função do devir a ser, e que emerge da coexistência ou da relação entre teoria e prática; sendo que a prática é o fundamento da teoria”. Teoria e prática não se separaram ambos devem estar estreitamente unidos, pois será o método de verificação que validará as hipóteses apresentadas.

É uma técnica que dará sustentabilidade para os argumentos expostos ao tocante do trabalho. Lakatos e Marconi (2010) enfatizam que:

Possuí a característica da verificabilidade, a tal ponto que as afirmações (hipóteses) que não podem ser comprovadas não pertencem ao âmbito da ciência. Constitui-se em conhecimento falível, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final e, por este motivo, é aproximadamente exato (p.62).

Na mesma vertente, entende-se por pesquisa “[...] um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico” (LAKATOS; MARCONI, 2010 p. 139). Método este que possibilita ao pesquisador conhecer o contexto estudado, aprofundando e validando as informações adquiridas.

Deste modo, Lakatos e Marconi (2010), aponta que a pesquisa é compreendida em seis passos:

1. Seleção do tópico ou problema para a investigação;
2. Definição e diferenciação do problema;
3. Levantamento de hipóteses de trabalho;
4. Coleta, sistematização e classificação dos dados;
5. Análise e interpretação dos dados;
6. Relatório do resultado da pesquisa (p. 139).

Para realização deste trabalho, a fim de introduzir o fenômeno *bullying*, a partir da visão dos autores que abordam a temática contemplada. O estudo bibliográfico possibilita a investigação teórica a partir da reflexão de autores e pesquisadores que estão discutindo sobre algum fenômeno científico. Para Lakatos e Marconi (2010, p. 166) o estudo bibliográfico

“não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Permitindo, assim, que novas compreensões sejam alcançadas.

Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa busca dar explicação geral sobre um determinado fato, através da limitação do estudo, levantamento bibliográfico, leitura e análise de documentos. No tocante, esse tipo de abordagem possibilita uma análise, e, portanto, uma visão abrangente do fenômeno pesquisado. Oliveira (2008) assevera que:

A pesquisa qualitativa consiste num processo de reflexão e análise da realidade a partir de estudos e utilização de métodos e técnicas para se chegar à conclusão do estudo realizado a problemática levantada sobre o objeto de estudo (p.37).

Com isso é imprescindível que o pesquisador tenha clareza sobre seu objeto de estudo, além, de refletir sobre a importância da sua temática para a sociedade. Lakatos e Marconi (2008, p.271) abordam que na pesquisa qualitativa existe “um mínimo de estruturação prévia. Não se admitem regras precisas, como problemas hipóteses e variáveis antecipadas, e as teorias aplicáveis deverão ser empregadas no decorrer da investigação”. Porém, o pesquisador deve ter uma base de fundamentação teórica geral e planejamento articulado para não se perder na totalidade da pesquisa. O objetivo da pesquisa qualitativa não é apenas realizar um trabalho científico ou fazer uma descrição de dados coletados empiricamente, mas propõe o desenvolvimento do estudo de caráter interpretativo no que se refere aos dados coletados.

No segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo, sendo efetivada com o intuito de conseguir informações ou saberes a partir do problema central do trabalho. De acordo com Lakatos e Marconi (2010, p. 169), a pesquisa de campo “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorreram espontaneamente, na coleta de dados e eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los.”. Faz-se necessário dizer que a pesquisa de campo não pode ser confundida com a simples coleta de dados, por obrigar descrever com controle adequado e com objetivos já estabelecidos que determinem o que deverá ser coletado.

Nesta ótica, Lakatos e Marconi (2010), afirma que:

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ele servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo passo permitira que se estabeleça um modelo teórico inicial de referencia, da mesma forma que

auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa. (p. 169).

A partir dos estudos efetivados no aporte teórico e no legítimo caráter da pesquisa, consistiu em delinear as técnicas que foram empregadas na coleta de dados e na definição da amostra, de modo a ser significativa e satisfatória para auxiliar nas conclusões.

#### 4.2. OS SUJEITOS E A UNIDADE PESQUISADA

Para efetivação desse estudo, foram propostos quatro participantes para a pesquisa, sendo uma coordenadora pedagógica, e três professoras. Para entrevistar a coordenadora pedagógica, foi selecionada uma escola de rede municipal da cidade de Cajazeiras-PB. A instituição é situada num bairro periférico da cidade, atendendo público da educação infantil ao fundamental I, funciona nos períodos matutino e vespertino.

Optamos na escolha desta instituição, por já ser conhecedora dos trabalhos desenvolvidos na mesma, e pela realidade dos integrantes. Parcelas significativas dos discentes são advindas de um histórico familiar difícil, com índices de pobreza, desemprego, violência, drogas e criminalidade, aspectos estes que poderão ser acoplados nos aspectos comportamentais dos indivíduos. Conhecer os trabalhos desenvolvidos por esta profissional (coordenadora pedagógica), trará resultados significativos nas coletas das informações precisas. A coordenadora pedagógica tem 51 anos, é graduada em pedagogia, e mestrado na área da educação.

Para colher informações dos professores, foram entrevistados todos os docentes de uma escola diferente, tendo o objetivo de analisar e conhecer como cada escola entende e trabalha o assunto. Uma professora (com licenciatura em pedagogia e mestrado em educação) trabalha na mesma instituição que realizada a primeira entrevista com a coordenadora pedagógica.

A segunda professora (com licenciatura em Letras e Especialização no Ensino de Língua Inglesa e Novas Tecnologias) ministra aula no fundamental II em uma escola estadual da cidade de Cajazeiras-PB, pelo turno vespertino.

A última professora ministra aula numa escola de rede municipal da cidade de Cajazeiras, pelo turno da manhã e tarde, possui graduação em Pedagogia, especialização na área de Tecnologias e Mestrado em Educação. Todas as unidades de ensino realizada a pesquisa, possuem aspectos semelhantes, estão localizadas em áreas carentes da cidade.

### 4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para execução da pesquisa é importante definir qual o procedimento para a realização da coleta de dados, sendo que, é nessa etapa do estudo em que se começa a aplicação do instrumento elaborado e das técnicas elegidas com o intuito de finalizar a coleta de dados previstos. “São vários os procedimentos para a realização da coleta de dados, que variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 149). A partir desta compreensão, a técnica de pesquisa para realização de esse estudo ser a entrevista semiestruturada.

Existem diferentes tipos de entrevistas, que variam de acordo com a necessidade do pesquisador. Lakatos e Marconi (2008, p.179) discorrem sobre dois tipos de entrevista: padronizada ou estruturada e despadronizada ou semiestruturada. A entrevista padronizada ou estruturada é “quando o pesquisador segue um roteiro previamente estabelecido, as perguntas feitas ao indivíduo”. Diferentemente da entrevista despadronizada ou semiestruturada que também é denominada por “assistemática, antropológica e livre, quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer situação que considere adequada”.

Esse tipo de entrevista apresenta três modalidades, bem como assinala Ander-Egg (1978, p.110) *apud* Lakatos e Marconi (2010):

Focalizada quando há um roteiro de tópicos relativos ao problema a ser estudado e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser, sobre razões e motivos dá esclarecimento [...] clínica quando se estudam os motivos, os sentimentos e a conduta das pessoas [...] não dirigida, quando há liberdade por parte do entrevistado, que poderá manifestar livremente suas opiniões e sentimentos (p. 180).

Desta forma, a pesquisa semiestruturada é a que o pesquisador qualitativo mais utiliza na realização de seus estudos. Assim, a mesma foi adotada para o cumprimento desse estudo.

### 4.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS

Posterior à seleção dos instrumentos de pesquisa, fez-se necessário escolher a técnica de análise de dados, que melhor se adequasse aos resultados obtidos no campo de pesquisa.

Para Lakatos e Marconi (2003, p.167) análise de dados é “[...] a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores.”. Isto é, relacionar as informações obtidas na pesquisa de campo de modo a confirmar através do confronto com as teorias existentes acerca do objeto de estudo, sendo: O papel do professor frente às questões



de *bullying* na sala de aula. Modo que possibilita ratificação científica das informações coletadas.

Esta técnica respalda-se em três elementos primordiais: interpretação, explicação e especificação, as quais Lakatos e Marconi (2003) definem como:

(a) Interpretação. Verificação das relações entre as variáveis independente e dependente, e da variável interveniente (anterior à dependente e posterior à independente), a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno (variável dependente). b) Explicação. Esclarecimento sobre a origem da variável dependente e necessidade de encontrar a variável antecedente (anterior às variáveis independente e dependente). c) Especificação. Explicação sobre até que ponto as relações entre as variáveis independente e dependente são válidas (como, onde e quando). (p.167)

A utilização da interpretação, explicação e especificação permite ao pesquisador analisar os dados coletados, de modo a relacionar as informações obtidas e as hipóteses formuladas com os posicionamentos dos sujeitos da pesquisa e com as teorias abordadas.

Para análise dos dados, foi realizada análise de conteúdo, mas especificadamente, a categorização, que permite ao pesquisador, analisar em categorias o objeto de estudo que se deseja aprofundar. Bardin (1977) define:

A categorização é uma operação de classificação de elementos construtivistas de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamentos segundo género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso de análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (p. 117).

Cada elemento foi agrupado em categorias, através dos dados coletados significantes, expandindo o conhecimento acerca do tema, não perdendo o foco do objetivo central do trabalho, que é analisar o papel do professor em parceria da escola e família, frente às questões de *bullying* no contexto escolar.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: A INEFICÁCIA DO PAPEL FAMILIAR EM AUXÍLIO DA ESCOLA AO COMBATE DO BULLYING

Nesta seção serão descritas e analisadas as informações coletadas através dos instrumentos de pesquisa empregados. Os participantes serão desmembrados nas categorias: coordenadora pedagógica e professores, que serão divididas em subtópicos.

Optamos em utilizar deste recurso por respeitar o modelo empregado no roteiro das entrevistas e para facilitar na compreensão dos dados apurados. Os pseudônimos que serão utilizados para manter o sigilo aos participantes ao decorrer do trabalho, são: Josefa (coordenadora pedagógica), Teresa (professora I), Luiza (professora II), Maria (professora III).

### 5.1 COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: COMBATE À VIOLÊNCIA

Toda a equipe escolar deve estar estreitamente empenhada para instalar nas instituições de ensino uma cultura de paz. Cada integrante precisa entender seu papel no combate do *bullying*, para assim, administrar com competência o problema. A coordenação pedagógica tem função ímpar nesse processo, pois tem a responsabilidade de desempenhar ações de caráter pedagógico, prestando assistência ao corpo docente, funcionários e demais integrantes que compõem a instituição.

Desta forma, é evidente que uma escola conhecedora das implicações relacionada ao fenômeno *bullying*, buscará antecipadamente do problema, infundir no interior da instituição medidas de combate e prevenção. Estas medidas deverão conter no documento mais importante das escolas, o Projeto Político Pedagógico - PPP.

Nesta ótica, Chalita (2008), aponta que:

A qualidade da educação também inclui proteção, cuidado e responsabilidade com as crianças e os jovens expostos à violência. Essa ação não pode estar desvinculada do projeto político pedagógico da escola. A prevenção precisa ser pensada pedagogicamente (p. 196).

Para tomar conhecimento do planejamento desenvolvido, a gestão escolar cedeu uma cópia do PPP para análise. Assim, consistiu-se em analisar se a escola realiza trabalhos que abrangem o combate da violência escolar e/ou o *bullying*. Podendo-se perceber a existência de

ações desenvolvidas para o combate ao *bullying*, item positivo a ser avaliado, pois, demonstra que os participantes entendem a gravidade do fenômeno. A escola que almeja ter índices de aprovação, tornando-se destaques ao nível de ensino e aprendizagem, além de conter profissionais qualificados, metodologias e técnicas de ensino inovadoras, que auxilie na aprendizagem dos educandos, e também, preocupar-se com a saúde emocional e física dos integrantes, por compreender que as situações de violência acarretam aos estudantes sérios problemas educacionais, afetivos, emocionais e sociais.

Para iniciar a entrevista com a coordenadora pedagógica, foi perguntado: O que você compreende por *bullying*? Josefa relatou que:

Bullying, hoje, com essas perspectivas mais modernas, é um tipo de violência, tipo de agressão, psicológica. Antigamente é ... sempre aconteceu este tipo de violência, o *bullying* sempre existiu. Só que com outras denominações. Hoje a ciência denomina que é uma agressão psicológica. (JOSEFA, 2018).

Tal definição leva a refletir a relevância do tema. No meio social e escolar ainda acredita-se que o *bullying* não passa de uma simples “brincadeira” e “desentendimentos” entre os colegas de classe, mas na verdade, refere-se à violência e agressão, que atinge diretamente a saúde psíquica dos envolvidos. Em uma entrevista publicada na revista Univesp em 2015, por Piacentini, envolvendo profissionais da área da saúde e da educação, sobre os efeitos do fenômeno *bullying*, Costa, relatou que o *bullying* “[...] pode acarretar estresse, ansiedade, diminuição e perda da autoestima e, em casos mais graves, levar ao suicídio. Na escola, as consequências podem ser a baixa do rendimento escolar, brigas e até o abandono da escola” (PIACENTINI, 2015, s/p). Quem sofre as implicações deste ato vivencia os traumas no interior da escola e fora da mesma, carregando consigo as sequelas para dentro de seus lares e nas relações estabelecidas.

Ao conhecer as definições que englobe o *bullying* e, por conseguinte, as decorrências ocasionadas pela violência, faz-se necessário planejar e preparar toda a equipe escolar, envolvendo a família e a comunidade situacional, a fim de administrar eficazmente o problema. Assim, foi questionado para Josefa se: A escola desenvolve projetos anti-*bullying*, e como é desenvolvido.

A coordenadora pedagógica destacou que:

Sim, estamos com um projeto este ano de combate a violência e dentro do projeto temos a temática do *bullying*. [...] Assim, dentro da sala de aula é feito planejamento que inclusive a gente pegou pela temática da própria

campanha da fraternidade<sup>1</sup> deste ano, e fez uma ampliação do tema. Os professores trabalham a partir das disciplinas e da vivência. É uma perspectiva, pois o resultado não é imediato. Porque como se trabalha diretamente com os sentimentos e com as personalidades, é muito complexo. É um processo (JOSEFA, 2018).

É interessante a proposta pedagógica empregada pela instituição para identificar o *bullying* na escola por planejar estratégia, junto com o corpo docente, que envolva as experiências trazidas pelos os alunos. Assim, oportuniza os integrantes a relatar fatos ocorridos, emoções e sentimentos. A coordenadora aponta que não é uma tarefa fácil, pois quem vivencia posições de violência, sente medo em relatar fatos confidenciais.

Vale reforçar a importância do papel docente, por ser o responsável em executar o projeto elaborado. São os professores quem passam mais tempo com os alunos no período escolar, logo, conhecem as especificidades de cada aluno, sabe identificar quais são os tímidos, os calados, os mais participantes, os agressivos, os que possuem dificuldades de aprendizagem, entre outras características. Assim, qualquer efeito positivo alcançado, será perceptível ao olhar do educador.

Fante (2011, p.97) aponta que “O coordenador do programa poderá utilizar as horas de trabalho pedagógico coletivo para fazer um balanço semanal do que foi realizado e estabelecer novos procedimentos contidos no programa”. Este exercício auxilia na execução, por ressaltar a necessidade em avaliar o desenvolvimento do projeto. Apesar do corpo docente ter o papel de pôr em prática, todo planejamento necessitará ser elaborado e estudado em equipe.

Ao efetuar o programa, os profissionais terão conhecimento de quais dos discentes sofrem e/ou praticam ataques de *bullying* na sala de aula. Pensando nessa linha, a próxima pergunta direcionada a Josefa constitui em conhecer “Quais são as estratégias, métodos e técnicas que a instituição busca trabalhar com os envolvidos no fenômeno *bullying*?”. A resposta obtida foi:

Veja bem, umas das principais é o dialogo, é como uma mediação, a gente senta com os envolvidos... Eu até gosto de brincar com eles, pois digo que é “um acerto de contas”... Sento com todo mundo, fazendo com que cada um seja capaz de refletir sobre suas práticas se colocando no lugar do outro. Que também não é fácil, porque não se consegue isso imediatamente. Ate porque muitas vezes eles saem do *bullying* verbal para o físico. Porque a maior dificuldade deles é resolverem os problemas de forma verbal, não pedem desculpas, perdão, é tudo na agressão. Ainda não conseguir entender o real motivo, tudo é na briga, pegar lá fora, nos tapas, nos murros. Na parte da

---

<sup>1</sup> O tema da campanha da fraternidade de 2018 tem por tema o combate à violência. Partindo do capítulo bíblico (Mt 23,8) “Em Cristo somos todos irmãos”.

manhã não tem muitos desses casos, mais a tarde é presente. Se bem que é focado, não é centralizado. Eu costumo dizer que aqui temos violência zero, porque aqui não tem, é generalizado, só encontramos focos, e sabemos sempre onde é e por quem são (JOSEFA, 2018).

Podemos analisar a resposta de Josefa, em duas etapas. Inicialmente, a mediação executada pela equipe escolar é o diálogo. Escutar e entender o próprio aluno. Segundo, perceber os motivos que levam o educando a agir de forma agressiva com o próximo, não sentindo empatia. De modo, a impedir que os ataques agravem-se.

Não julgar deveria ser o propósito de todos neste processo. Muitas vezes o aluno está refletindo no outro algo que vivencia cotidianamente. Ao professor julgar suas atitudes sem antes dar a oportunidade do aluno se explicar propicia, no mesmo, sentimentos de incompreensão, oportunizando que os ataques continuem.

Chalita (2008) destaca que:

Desconsiderar a bagagem que cada pessoa traz é um equívoco de quem não se predispõe a conhecer o universo alheio. Não é possível ajudar alguém a ser condutor e não conduzido sem antes conhece-lo, sem antes perceber as limitações e as amarras que o impedem de caminhar com os próprios pés (p.49).

Oportunizar que o próprio aluno se explique, relando o porquê de suas atitudes, demonstra que ninguém irá presumir os atos, mas auxiliar os problemas da melhor maneira. Encontrará no próprio professor um amigo que possa confiar. Considerando para o lado médico, em uma consulta ao psicólogo percebe-se que o profissional escuta atentamente tudo que o paciente tenha a dizer, para assim, examinar o que deve ser procedido. Da mesma forma, pode-se pensar o método utilizado pela coordenadora. Antes de qualquer medida a ser tomada, o aluno terá o direito de explicar e detalhar os motivos que o fizeram agir com tal conduta.

Segundo ponto a ser analisado pela fala da coordenadora pedagógica refere-se em intermediar os conflitos existentes, de modo a não agravar os ataques, passando do moral para o físico. Durante o turno vespertino, na instituição, funcionam as turmas do 3º ao 5º ano, o qual o público alvo varia-se entre jovens e adolescentes. Comparando ainda a realidade contextual do local, como já debatido anteriormente, a instituição está inserida em bairro periférico da cidade, com índices de pobreza, criminalidade, violência e drogas. Fatores que somam ao considerar os impactos que os discentes vivenciam.

Palavrões, chutes, murros, empurrões, desrespeito é fato concreto presente em todas as turmas do colégio. Frisando a fala de Josefa, “[...] não pedem desculpas, perdão, é tudo na

agressão”. Se não houver uma conexão assídua de toda equipe escolar, isto é, professores, gestão e demais funcionários, em cooperação com a família, a instituição sozinha não resolverá eficazmente os conflitos existentes, pois são elementos externos que compromete no interior da instituição.

Araújo et al. (2014) destaca as sequelas que alguns lares refletem nas crianças/jovens:

A violência consiste nos relacionamentos agressivos no meio familiar, os comportamentos que as crianças apresentam na escola podem ser reflexos do que está ocorrendo no ambiente familiar e social. Assim, na escola, elas podem agredir colegas, fisicamente, por xingamentos, ofensas entre outros tipos de violência (p.132).

A família é o reflexo do indivíduo, embora seja algo impactante de se mencionar, porém não deixa de ser fato verídico. O perfil do aluno violento, que insulta professores e colegas, não respeita o próximo, utiliza da violência para conseguir o que deseja, pode apontar alguns dos comportamentos que o indivíduo vivencia em seus lares.

A quarta pergunta da entrevista a coordenadora pedagógica, gira em torno deste viés: A família é inserida no combate ao *bullying* na instituição? De que modo? Josefa mencionou que:

Olha a gente temos outro projeto, que é da família, se chama Família Na Escola. É uma coisa que venhamos engatinhando há muito tempo, porque faltam recursos na escola. A gente tem trabalhado e discutido, trouxemos a agora recentemente uns dos membros do conselho tutelar que é dona Terezinha. E veio ela e outro membro, e a gente discutiu a importância do acompanhamento da família na escolaridade dos filhos. Temos idealizado na semana da família, que será durado uma semana inteira e terá como foco central o *bullying*, pra fazer com eles mais como vivência, não com palestras (JOSEFA, 2018).

Mediante o depoimento, é notável a importância da participação da família na escola. Quando a mesma busca estar presente, auxiliar no processo de ensino, cooperar positivamente nas tomadas de decisões empregadas na instituição, a equipe escolar passa a conhecer os problemas e as dificuldades que os discentes vivenciam. É perceptível que na atualidade, o maior desafio que a escola – principalmente a pública – vivencia, é fazer com que a família e a comunidade local participem e auxiliem a instituição.

São inúmeras as consequências quando o elo familiar é rompido - o aluno é posto em zonas de perigo em casos de violências, entre os familiares, e não são apreendidos princípios éticos morais básicos para se relacionar. Apreendem exemplos negativos que, por conseguinte, serão implicados no processo formativo dos mesmos, agindo de tal modo em outros locais e, principalmente na escola, com os colegas e professores.

Assim, o processo de ensino e aprendizagem torna-se dificultoso, pois a escola se vê sem recursos para buscar respostas necessárias dos responsáveis dos alunos. Em certos casos, quando a família não comparece ao ser convocada pela instituição, devem-se preparar profissionais específicos para realizar uma visita domiciliar, buscando colher informações precisas do estudante.

Embora a instituição escolar pregue os princípios éticos, a família deverá dar continuidade com a educação. Sem esta conexão, todo sistema formativo que o aluno receberá, tende a ser prejudicado. Projetos que envolvam a família e a comunidade escolar são métodos eficazes ao manter o bom relacionamento e a participação assíduos dos membros. Torna-se dever dos órgãos responsáveis por cada instituição subsidiar os recursos necessários para execução dos mesmos.

Finalizando a entrevista com a profissional, foi questionado: Como a instituição busca preparar a equipe docente a fim de enfrentar o *bullying*, realidade presente em toda instituição de ensino? Josefa relatou que:

No planejamento, com formação continuada que a gente está sempre abordando. Mas não tem nenhum trabalho específico com o professor não. À medida que vamos trabalhar com um vamos trabalhando com os outros (JOSEFA, 2018).

Anteriormente, Josefa menciona que desenvolve o projeto, cujo objeto respalda ao tema da Campanha da Fraternidade de 2018. Tal concepção é executada junto com o corpo docente. Ao mencionar que não realiza nenhum trabalho específico com o professor, assim o trabalho é realizado com toda a escola. O professor busca se aperfeiçoar em cursos capacitores, desenvolvidos pela própria Secretária de Educação, e/ou outros departamentos. O docente tem autonomia em buscar conhecimentos que auxiliem no processo e a equipe técnica da escola, desenvolvendo em comunhão, estratégias e planejamentos.

Nesta ótica, Fante (2011):

Cada escola possui sua realidade e a partir dela é que se devem desenvolver estratégias e ações cotidianas e contínuas. Dessa forma, todas as iniciativas escolares empreendidas têm, como ponto comum, a ideia de que a violência pode ser evitada, e conseqüentemente, minimizando o seu impacto (p.92).

Buscar novos caminhos a fim de proteger vítimas, agressores e demais espectadores do *bullying*, deve ser revés de cada professor, por compreender que, sem ajuda, os alunos tendem a tomar preferências e escolhas negativas. Alternativas estas, que causaram impacto imediato na vida acadêmica, social e emocional dos mesmos. Intervir é preciso!

Prosseguindo, foi indagado se a instituição busca a participação de outros órgãos? A coordenadora pedagógica enfatizou que:

Sim, nos buscamos muito a universidade-UFCG, a Faculdade Santa Maria, os estagiários, e temos também o PSE, - Programa Saúde na Escola. Que como bully está muito ligado as emoções, temos a presença de psicólogos, houve estagiários aqui e depois ela pediu para ficar, se colocou como voluntárias, fazendo tratamento toda semana com os alunos e a família, uma terapia voluntária. Mas a gente em si, a equipe escolar, é muito pequena, contamos apenas com o gestor, coordenador e professor são muito poucos funcionários (JOSEFA, 2018).

O Estado tem responsabilidade ímpar em auxiliar na luta de instalar a cultura de paz nas escolas contratando profissionais da área da saúde, bem como assistentes sociais e psicólogos educacionais, para prestar assistência no trabalho realizado nas instituições de ensino.

## 5.2 PROFESSORES: DESCONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DE VIOLÊNCIA PARA CONSTRUÇÃO DA PAZ

Conhecer o papel docente frente ao fenômeno *bullying* em sala de aula respalda no objetivo central do trabalho aqui proposto. Deste modo, a fim de conhecer como este profissional trabalha o assunto, fez-se necessário realizar uma entrevista semiestruturada com três professoras, na cidade de Cajazeiras- PB.

Para oportunizar e conhecer a maneira que cada escola entende e trabalha o assunto, foram selecionados professores de instituições diferentes. Ao todo, foram três unidades de ensino, duas de rede municipal e uma estadual. Estas instituições possuem traços em comum, situadas em bairros periféricos e carentes da cidade.

A primeira entrevistada será denominada por Marta, tem 26 anos, é graduada em Pedagogia e está no segundo ano em sala de aula. A segunda entrevistada é Luíza, 33 anos, graduada em Letras e Especialista no Ensino de Língua Inglesa e Novas Tecnologias; tem cinco anos em sala de aula. A última entrevistada foi Maria, 52 anos, possui graduação em Pedagogia, Especialista em Tecnologia Educacional e Coordenação e Mestrado na área da Educação. Possui 20 anos de docência.

Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento das participantes, utilizados pseudônimos para garantir o anonimato. Os dados apurados contribuirão significativamente em conhecer a realidade destes profissionais, frente ao *bullying*, violência esta, cada vez mais, ganha repercussão e estudos sobre o assunto.



### 5.2.1 Compreensão acerca do fenômeno *bullying*

Para dar-se início a pesquisa com as professoras, consistir em analisar como as professoras compreendem o que seja o *bullying*, demonstrando se as mesmas estão cientes da relevância do tema, e mediante a isto, quais são os efeitos deste para a sala de aula. O docente que não entende o *bullying*, conseqüentemente não saberá identificar o fenômeno em seu ambiente de trabalho. As respostas obtidas foram:

Entendo por bullying quando alguns alunos intimidam, ofendem, machucam, atacam outros alunos repetidamente, com o intuito de fazer o outro sofrer (MARTA, 2010).

Bullying trata-se da prática de agressões físicas ou verbais totalmente intencionais com o propósito de desmoralizar, destacar algo ruim na vítima ou apenas para que o agressor se sinta mais popular e poderoso. O bullying pode ocorrer em qualquer contexto social, mas é muito comum nas escolas (LUÍZA, 2018).

O que a gente compreende é o que a literatura fala, são agressões, do ponto de vista verbal e físico, onde sempre tem um agressor e um agredido, pode ser dito assim. São estas relações de dentro das escolas que geralmente passa por condições sociais dos alunos, condições das relações familiares, ausência da figura materna e/ou paterna (MARIA, 2018).

Nas falas das professoras é claramente mencionado o significado da expressão *bullying*. Compreendendo como uma agressão física e/ou verbais com ataques repetitivos, que agride, insulta, machuca, ofende, desmoraliza o indivíduo e/ou grupo. Esta violência é presente em qualquer contexto social, sendo bastante frequente nas instituições de ensino.

Estes comportamentos são denominados, no fenômeno *bullying*, em duas formas: direta e indireta. Entender sobre o assunto facilita saber identificar a violência e oportuniza mediar à situação, de modo a intervir desde os primeiros indícios dos problemas.

O *bullying* indireto torna-se mais dificultoso de ser identificado o agressor, que para atingir a vítima, emprega difamações e boatos que se espalham facilmente. Um dos mecanismos muito utilizado pelos agressores são as redes sociais, pelas quais o agressor se esconde através de perfis e contas *fakes*, ou seja, contas que dificultam na identificação da verdadeira identidade do autor. Guillain (2012):

Além do celular, os bullies também usam a internet para agredir pessoas. Esse tipo de bullying é chamado de cyber bullying e pode ser feito através de e-mails ou mensagens agressivas enviadas através de sites de rede social ou de salas de chats. Alguns bullies se fazem de vítima e enviam mensagens agressivas para seus amigos só para causar tumulto e provocar problemas (p.22).

Esses casos são bastante comuns, visto que os jovens estão adentrando na tecnologia de modo precoce. É importante que os pais façam um monitoramento com seus filhos ao se conectarem na internet, averiguando com quem falam, mandam e recebem mensagens.

É propício que o professor busque trabalhar com atividades que envolvam assuntos sobre: autoaceitação, afetividade e empatia, um modo estratégico de fazer os discentes olharem para o próximo, e aceitá-lo bem como é, sem discriminação e exclusão.

### **5.2.2 Táticas a fim de detectar o *bullying* em sala de aula**

Identificar os ataques de *bullying* é um exercício de observação delicada e minuciosa. Os agressores, geralmente, dissimulados e populares no colégio, são participativos e andam sempre em grupos. As vítimas ficam retraídas, buscam não chamar atenção, na fútil tentativa de amenizar os ataques. São alunos calados, tímidos, com pouco envolvimento e interação com os demais colegas.

Seguindo esta lógica, as professoras expuseram as táticas empregadas a fim de detectar o *bullying* em sala de aula:

É possível identificar de diversos modos, seja por ter um colega gordinho, nisso eles já fazem comparações com alguma figura de animais que tenham no livro didático. Seja por ter uma colega negra, com cabelos cacheados, insultam dizendo que o cabelo é feio, entre outros. Sempre que presencio tento intervir imediatamente, fazendo o aluno se colocar no outro (MARTA, 2018).

O *bullying* pode ser identificado em sala de aula dependendo do tipo de agressão. Se tem um grupo de alunos rindo sem um motivo aparente e algum aluno envergonhado ou com certa timidez, pode estar ocorrendo o *bullying* sim, porém uma característica do *bullying* é a constância das agressões ou seja, são insultos, provocações e agressividade repetitiva (LUÍZA, 2018).

A partir do momento que a gente percebe que o aluno está sendo agredido, assim nos ficamos atentas a palavras e aos movimentos. Porque no *bullying*, muitas das vezes basta um único gesto, para identifica-lo. Então ficamos mais atentas, quando vimos um aluno e outro se estranhando. Até por que o agressor ele é mais sutil, mais dissimulado, nisso, muitas vezes não conseguimos identificar. Então focamos nos alunos que ficam de uma hora pra outros muito tímidos (MARIA, 2018).

Percebe-se pela fala das professoras, que os agressores utilizam traços específicos para insultar e diminuir as vítimas, frente aos demais, seja ao apontar características como o peso, a altura, o tipo de cabelo, a cor da pele, entre outros. Os ofensores são ágeis, pregam o uso de artimanhas, de modo que os ataques passem despercebidos dos demais, sendo entendido por

“brincadeiras” já que tiram gargalhadas da turma, “[...] um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” (FANTE, 2011, p.29). Vale ressaltar, que não é denominado de brincadeira quando os atacados ficam tristes, envergonhados e descontentes com a situação.

O professor precisa ficar atento as quaisquer vestígios da violência para facilitar na identificação, pois esta violência acontece normalmente de modo camuflado, dificultando assim, na identificação do problema e dos personagens do fenômeno. Fante (2011) descreve como o *bullying* tende em manifestar-se, desde os Anos Iniciais até o Ensino Médio.

Dentre os tipos que mais incidem até a 2ª série, sem sombra de dúvidas se destacam os maus-tratos físicos. Em seguida, vêm as ofensas, as acusações e as discriminações, especialmente manifestadas por meio de apelidos e xingamentos relacionados ao aspecto sexual. [...] Nas 3ª e 4ª séries, operam-se algumas mudanças no desencadeamento das condutas: os maus-tratos físicos associam-se às ameaças e chantagens, especialmente contra os alunos mais frágeis e tímidos. [...] Da 5ª série em diante, os maus-tratos começam a ser maquiados ou disfarçados, tornando-se mais difíceis de identificar, uma vez que se desenvolvem, basicamente, por meio da linguagem não verbalizada, ou seja, da linguagem visual, gestual e corporal. [...] No ensino médio, a maioria dos maus-tratos acontecem de forma disfarçada. [...] sua maior incidência faz-se notar nos apelidos, ofensas, ameaças e brigas dentro e fora da escola (p. 63-65).

As vítimas são tomadas por sentimentos de medo e vergonha em pedir ajuda e ter de mencionar sobre os ataques que sofrem frequentemente, tendo temor de agravar a situação. A análise do professor é crucial ao presenciar qualquer tipo de brutalidade. Constatando a mudança de comportamento de determinado aluno, deve-se observar se o mesmo tornou-se mais tímido e retraído, para assim buscar meios eficazes que o faça confessar o porquê do isolamento, e entender como ocorre o relacionamento com os demais alunos. Estas mediações oportunizam conhecer as afinidades estabelecidas entre os estudantes, e oportuniza ao discente deparar no docente um amigo, na qual possa confiar e compartilhar assuntos confidenciais.

### **5.2.3 Métodos, técnicas e recursos empregados para trabalhar o bullying em sala de aula**

Além de saber identificar o *bullying* na sala de aula, é imprescindível haver estratégias de prevenção e combate da violência. É vital planejar táticas de ensino para trabalhar o tema, diminuindo assim os impactos deste nos envolvidos.

Foram obtidas as seguintes respostas das professoras:

São diversas, sempre que necessário trabalho a questão não do bullying em si, mas da violência escolar, pois é um problema presente na instituição, já que a escola está situado em um bairro periférico, e violento da cidade. Busco trazer aulas expositivas, com vídeos, filmes, entre outros (MARTA, 2018).

O bullying pode ser trabalhado em sala de aula de várias formas: através de uma conversa informal com os alunos, vídeos educativos, filmes que retratam bem o assunto e até mesmo com, palestras que envolvam toda a escola. O professor pode, por exemplo, pedir aos alunos que façam uma pesquisa sobre o significado do termo bullying que vem da língua inglesa derivada do termo bully... O aluno pode também criar uma história que mostre as características dessa prática, bem como as formas da vítima do bullying, enfrentar o medo e pedir ajuda (LUÍZA, 2018).

O que a gente busca utilizar inicialmente é a conversa, sobre amizade, valores, o que se busca na escola além do conhecimento, fortalecer a amizade. [...]

Mas conversar, propor atividades que intermediam a amizade, valores, quando estes recursos dão resultados é muito bom (MARIA, 2018).

Pelas falas das entrevistadas é perceptível a importância que é dada ao assunto em suas aulas, ao demonstrarem que utilizam recursos de vídeo, filmes, palestras, pesquisa sobre o significado da palavra *bullying*, contação de história, atividades relacionada à amizade e valores, a fim de conscientizar os discentes frente à temática.

Metodologias, técnicas e recursos para proceder com o *bullying* em classe são múltiplos. O professor tem a possibilidade de transmitir as consequências do *bullying* de modo que busque atrair a atenção dos alunos pela veracidade do tema. Metodologias que abranjam as vivências dos próprios discentes, técnicas inovadoras e lúdicas, recursos tecnológicos e pesquisas de campo tornam-se opções positivas, pois os resultados tendem a ser favoráveis quanto à compreensão dos alunos.

Dentre as estratégias empregadas para desenvolver o tema, Fante (2011, p.108), destaca alguns mecanismos individuais para detectar quem são os envolvidos no fenômeno, “[...] o tutor poderá desenvolver atividades tais como redações, entrevistas individuais e em grupos.”. Destacam-se as redações “minha vida escolar” e “minha vida familiar”, por oportunizar os discentes partilharem de fatos confidenciais para o professor. É proveitoso informar aos escritores que todas as informações serão guardadas, e mantidas o anonimato dos autores.

Após as escritas das redações, o professor pode mediar conversas individuais e em grupos, um debate em sala, uma boa maneira de fazer o aluno expressar-se sobre o assunto,

questionar, relatar ocorrências. Melo (2010) aponta estratégias em sala de aula que poderão contribuir a lidar com o problema:

- Promover palestras de esclarecimento, combate e prevenção do bullying;
- Mostrar aos alunos a diferença entre *bullying* e a violência pontual;
- Utilizar pequenos vídeos de esclarecimento ou depoimentos de pessoas que foram vitimizadas;
- Trabalhar com cartilhas de conscientização e combate ao bullying;
- Utilizar manuais construídos por professores e alunos no processo de conscientização;
- Fazer uso de textos, artigos ou pesquisas elaboradas por profissionais da área;
- Promover palestras com representantes do Conselho Tutelar e profissionais de Segurança Pública;
- Introduzir a discussão do fenômeno bullying, através de histórias ou fábulas;
- Criar um estatuto contra bullying, com a participação dos alunos, para servir de parâmetro de comportamento nas relações em sala de aula (p.55).

Métodos, técnicas e recursos, quando empregados, orientados e coordenados com eficácia, trarão êxito no combate e prevenção do *bullying* escolar, pois oportunizam que todos os profissionais da escola auxiliem nos problemas advindos do fenômeno.

#### **5.2.4 Profissionalização docente**

Através das mídias é informado o acréscimo de vítimas no *bullying* escolar. Faz-se pensar que o *bullying* é fato concreto de todas as instituições de ensino e não buscar conhecimentos necessários para auxiliar alunos envolvidos, sejam eles, vítimas, agressores e/ou espectadores a compreenderem o problema, é de certo modo, oportunizar que o problema se instale velozmente ao interior das escolas.

O professor preparado para lidar com a questão saberá identificar focos da violência, administrar os conflitos, empregar recursos eficazes no combate, para assim preparar os alunos a enfrentar a violência, antes mesmo de vivenciá-la.

Para isto, fez-se necessário conhecer como as professoras entrevistadas se preparam para a temática em vigor, isto é, se buscam participar de projetos, especializações, cursos que enfatizam a temática *bullying* e violência escolar. As respostas obtidas foram:

Não, apenas o projeto desenvolvido na escola (MARTA, 2018).

Não especificamente sobre o bullying, mas é possível identificar que um tema leva ao outro, sempre haverá algo que puxe para a violência escolar, pois é um fato presente em qualquer unidade de ensino, cada vez mais (LUÍZA, 2018).

A gente sempre temos nas formações, inclusive a gente já fizemos projetos pedagógicos inteiros sobre a temática do bullying, até mesmo para identificar, e conhecer casos que até então passa despercebido. Nas especializações sempre aparecem este tema. E cada vez mais está aumentando, o bullying está se qualificando. Hoje eu percebo que aquela coisa de ficar apelidando, hoje está muito mais grave, pois é a violência física. [...] A gente não temos instrumentos para trabalhar com as violências físicas nas escolas, e é desde o pré I até os anos mais, a situação se agrava. [...] Eu tenho 20 anos na educação, nunca tive medo de aluno, mas este ano, senti muito medo de ser agredida (MARIA, 2018).

Das três professoras entrevistadas, percebe-se que apenas Maria, possui formações que envolva o tema, e mesmo com este auxílio, sente dificuldades em lidar com o *bullying* na sala de aula. Formação continuada, especializações, projetos, cursos, oficinas, tudo que ajude a combater o *bullying* eficazmente, deve-se ser o propósito de toda instituição de ensino, envolvendo professores, equipe gestora e demais funcionários, a fim de amenizar as consequências advindas.

Os professores não são os únicos responsáveis a lidar com o fenômeno. A instituição em si, a família e a comunidade local, em conjunto, precisa efetivar uma participação assídua frente ao processo. Sem esta conexão, infelizmente, não haverá resultados positivos.

Em decorrência dos crescentes casos do *bullying* escolar, é nítido o papel do Governo em subsidiar programas de formação continuada para professores lidarem com o problema. Enfrentar o *bullying*, não é unicamente dever das unidades de ensino, e sem o auxílio necessário, a luta de instalar uma cultura de paz propende em não acontecer.

Melo (2010), assevera que:

A metodologia utilizada para a prevenção e combate do bullying nas escolas é sistemática através de programas. Esses programas apresentam os critérios para a identificação do bullying na escola e mostram os procedimentos adequados para a internação de combate e as estratégias de prevenção. (p. 45).

Chalita (2008, p. 253), aponta que a “Escola da Família, Escola de Tempo Integral, Formação de Professores, são programas capazes de transformar não só a educação, como toda a sociedade, porém necessitam de tempo, de continuidade, de investimento, de vontade pública.”. Embora estes sejam alguns dos programas inicialmente desenvolvidos no Estado de São Paulo, ganharam destaque e continuidade em outros estados do País, pelos efeitos alcançados.

### 5.2.5 O papel da gestão escolar frente o desafio de combate ao bullying

Bem como já ressaltado, a instituição sozinha não resolverá efetivamente os problemas resultantes do *bullying*. Precisa-se seriamente da intervenção da família, comunidade local, do Governo, para assim, em comunhão, administrarem os conflitos.

As professoras expuseram suas opiniões quanto às medidas a ser incorporadas pela equipe gestora, a fim de auxiliar nos conflitos advindos do fenômeno. As respostas obtidas foram:

A escola já desenvolve um projeto de violência escolar, o que inclui o *bullying*. No entanto, a parte principal é a participação da família mais infelizmente é uma batalha para todos nos, por a mesma se negar a comparecer. A escola trabalha estas questões também no planejamento, cada professor tem a oportunidade de enfatizar os problemas ocorridos da turma e buscam em comunhão uma solução adequada [...] (MARTA, 2018).

A informação sobre o assunto é na minha opinião uma das melhores formas de se administrar este tipo de problema. Deve ser mostrado ao aluno que o *bullying* é um assunto muito sério e não apenas uma brincadeira. [...] Os pais das vítimas podem sentir uma certa impotência a esse respeito e devem pedir a ajuda da equipe escolar e psicólogos para que juntos consigam encontrar uma resolução desse conflito antes que o pior aconteça (LUÍZA, 2018).

Na minha opinião a equipe gestora não tem mais instrumentos para. Na minha opinião, precisa de uma intervenção seríssima, para unindo diferentes instituições, bem como, a secretaria de educação, do governo como o CAPS, instituições que envolva a policia, por que é caso de policia muitos casos, então precisa da patrulha escolar, conselho tutelar, ministério publico. [...] O professor está só, o único elo, é a gestão e professor. Nisso precisa da família, e quando eu digo família, eu falo de quem? Que é a família, muitas vezes a mães esta no mundo das drogas o pai está preso, quando se tem pai. A escola está sozinha [...] (MARIA, 2018).

Na fala das professoras, é possível enfatizar dois pontos cruciais: ausência familiar e descompromisso dos órgãos públicos. Nisso, as instituições de ensino se veem sozinhas, frente à violência escolar.

A família deveria ser o principal auxílio para a instituição, pois os alunos passam mais tempo nesses dois ambientes (casa e escola). Muitas vezes os alunos manifestas na escola aquilo que vivenciam em seus lares. Chalita (2008) expõe que:

Os autores do bullying são crianças e jovens que precisam mais de ajuda do que de punições, para que, desse modo, o ciclo de violência se quebre. Imaginem a situação de um menino que volta da escola dizendo que apanhou dos colegas e apanha ainda mais do pai, por ter sido fraco. Essa criança pode ter dois tipos de comportamento: ou nunca mais vai dizer ao pai que apanhou ou que sofreu, ou se transforma em uma pessoa capaz de bater em outros

mais fracos para exibir isso com orgulho ao pai e receber sua aprovação.  
(p.177)

Apesar de ser um estudo de caso trazido pelo autor, não desmistifica a realidade da situação. Os agressores sabem ser sutis para não serem descobertos, as vítimas retraídas e tímidas buscam não chamarem atenção, e geralmente não pedem ajuda. A vítima, ao relatar para alguém de sua inteira confiança os traumas vivenciados, busca receber orientação e acolhimento e este elo ao ser rompido, propicia na vítima se isolar ainda mais, o que ainda pode resultar na fútil tentativa de sobressair e tornar-se um agressor.

Quando a criança/jovem pede ajuda aos responsáveis é dever da família não tomar nenhuma iniciativa por conta própria, mas encaminhar a ocorrência para a escola e assim, buscarem a melhor solução. Portanto, o valor da participação entre família e escola favorece na comunicação e na estratégia a ser empregada, a fim de reduzir os impactos, não tão somente do *bullying*, mas de quaisquer problemas.

A escola, ao ser notificada das ocorrências, obtivera resolver o problema no interior da instituição, e caso não tenha resultados positivos, deverá solicitar auxílios de outros órgãos, bem como CAPS, Secretaria de Educação, Conselho Tutelar, Ronda Escolar entre outros. Estes órgãos tem o dever de assessorar a instituição em todo o processo.

É estabelecido no inciso IX, do Art. 12 da Lei nº 13.663, de 2018, “[...] promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas” (BRASIL, 2018, art.º 12, inciso IX). Ao pensar no *bullying*, não se deve relacioná-lo unicamente com as instituições de ensino, pois o *bullying* é um problema social, que clama pela assistência de todos.

### **5.2.6 Inseguranças e desafios em trabalhar o *bullying* em sala de aula**

Para finalizar a entrevista, tendo por propósito ouvir os docentes frente a esta realidade, foram questionados se os professores entendem do assunto, como eles buscam identificar o fenômeno na sala de aula, e quais métodos e recursos utilizados que abordem a problemática em questão. Questioná-las também se sentem insegurança em trabalhar esta temática é oportunizá-las a falar dos medos e receios presentes na profissão docente.

As professoras relataram:

Insegurança não, até por que a escola desenvolve o projeto de violência e sempre que necessário busco ajuda e auxílio de outras professoras com mais experiências na sala de aula, do que eu. Introduzo os métodos nas minhas



aulas, busco conversar com os alunos, então assim, na questão de trabalhar o *bullying* em sala de aula não vejo insegurança. O que resta na verdade, é que o *bullying* é um assunto muito complexo, em toda escola haverá casos de *bullying*, e somente a equipe escolar sozinha não dará de conta de resolver o problema, é preciso, que haja a participação assídua da família e da comunidade escolar para haver a participação com a escola. Dar um retorno. Certas vezes, sentimos até medo em procurar a família dos alunos, [...] a família que seria a base, passa a ser um local de medo e violência. Assim, o aluno representará cada vez mais na escola o que vivencia no lar (MARTA, 2018).

Não sinto insegurança em trabalhar este tema na sala de aula, pois leio bastante sobre o tema, procuro me aperfeiçoar enquanto profissional, busco ferramentas inovadoras que me auxiliem no processo de ensino, ou seja, me preparo para as minhas aulas, não tão somente para o *bullying*, mas para qualquer problema que possa aparecer. É importante ter esta precaução (LUÍZA, 2018).

Sinto, porque às vezes a gente fica sem ter ferramentas para trabalhar. E quando falei em amizade, eu gosto muito de fazer o aluno enxergar o outro lado, falar do valor para não enfatizar o contra valor (*bullying*), e percebemos o quanto estas crianças, sentem esta ausência, pois parece que ninguém nunca falou sobre isto para elas. É difícil desconstruir uma prática de violência para construir uma de paz. Pois estamos apenas com os alunos quatro horas por dia, falamos sobre respeito, amizade, valores. Mas quando chega em casa este aluno se depara com violências, gritos, palavrões, xingamentos, quando o aluno é agredido fisicamente, e se nem falar na violência verbal [...] ainda tem outro lado, quando buscamos os pais, eles ao invés de nos ajudar subsidiar a escola agredem seus filhos na frente dos professores. Então os agressores reproduzem o que vivenciam no lar, é um processo. Então como buscar ajuda da família se ela própria que ensina as condutas na quais a escola tenta combater? (MARIA, 2018).

No geral, as professoras não se sentem inseguras em termos de qualificação profissional. Procuram se aperfeiçoar no assunto, estudando e pesquisando sobre, além de desempenharem na escola projetos que abordam a temática. O que se torna preocupante é analisar que a escola, embora seja uma entidade social, está praticamente sozinha na luta de implantar a cultura de paz nas instituições.

O papel da família deve ser uma etapa crucial no processo na educação das crianças/jovens, e quando este processo é rompido, a educação será incompleta. Ainda mais preocupante é quando os responsáveis agredem fisicamente e moralmente seus filhos, na fútil tentativa de impor um modelo educativo. Bem como, marcado na fala da professora Maria “[...] como buscar ajuda da família se ela própria que ensina as condutas pelas quais a escola tenta combater?”. Fernandez (1992):

Com medidas disciplinares, coercitivas, proibitivas, não se resolve o problema do ato agressivo cruel. Pelo contrário, se multiplica o problema, se

fortifica e, na maioria das vezes, se transforma em um componente de maior crueldade para ser usado mais adiante, colegas ou contra a escola (175).

Os pais, que acreditam nos modelos educativos através da agressão seus filhos sejam capazes de respeitar, obedecer, estão na verdade introduzindo formação negativa para os mesmos. Esta criança/jovem usará das mesmas ferramentas em outros espaços, principalmente na escola.

Por mais que os educadores passem quatro horas por dia, todos os dias da semana, enfatizando que a violência requer ser combatida, quando em casa o aluno vivencia o contrário, este aluno reforçará ainda mais a violência sofrida, por ser a violência o que mais introduz impactos e destroços ao desenvolvimento.

A escola, ainda pode promover encontros com a família, de modo a reforçar as consequências que a violência e o *bullying* acarretam para os envolvidos. Melo (2010), destaca alguns pontos necessários a serem buscados pela equipe escolar:

- Promover o encontro de pais para a conscientização do fenômeno *bullying*;
- Viabilizar o encontro com pais de vítimas e agressores;
- Incentivar o envolvimento da família nas ações de intervenção e prevenção do *bullying* escolar;
- Acompanhamentos por parte dos pais no trajeto escolar;
- Habilitar-se na identificação de comportamentos característicos de agressores e vítimas, para a possibilidade de ocorrência do problema com seus filhos (p.56).

O papel da família é ímpar. Sem esta conexão nenhum projeto meramente elaborado e administrado trará resultados positivos. Os responsáveis devem estar cientes do caráter representativo que possuem na educação das crianças e jovens. Somente com o esforço, coletividade e união (escolar, familiar e social) resolve-se com eficácia os estorços ocasionados pelo *bullying*. A escola necessita do auxílio familiar.

As entrevistas com os sujeitos dessa pesquisa, a coordenadora pedagógica e as professoras, foram significativas para compreensão dos efeitos do *bullying* no contexto escolar.

As análises apontaram muitos conflitos devido ao descaso dos órgãos públicos em subsidiar a educação, e a realidade familiar, entre eles, a ausência da participação da família auxiliando na instituição e os modelos educativos empregados, que reforçam ainda mais a violência, fator que a escola busca combater.

É tarefa da escola, desenvolver projetos, oportunizar formações continuadas para os profissionais da educação e buscar auxílio de entidades públicas para instalar a cultura de paz. No entanto, a família deve participar da rotina escolar, da elaboração de projetos e na

execução dos mesmos, para assim, inserir no ambiente escolar um ensino saudável, sem violência, sem *bullying*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho teve por objetivo principal analisar o papel do professor frente às questões de *bullying* no contexto escolar. O estudo aponta independentemente das instituições de ensino desenvolver táticas de combate e prevenção do *bullying*, sem a devida participação de todos integrantes que compõe a escola, tende a vir ao fracasso.

A pesquisa demonstrou que para este processo ocorrer eficazmente, é necessário haver uma participação assídua entre escola, família e comunidade, por se tratar de uma violência que está presente em todos os contextos sociais.

Os dados coletados nesta investigação revelaram que os professores, embora conheçam a relevância do tema, saibam identificar o *bullying* na sala de aula e busquem se aperfeiçoar profissionalmente trazendo para as aulas recursos inovadores que trabalhem o assunto, ainda encontram dificuldades em lidar com o problema.

Ao se depararem com as vítimas, percebem que as mesmas são invadidas pelo sentimento de medo, o medo de pedir ajuda e agravar a situação. Os agressores são ágeis, sabem pregar artimanhas, e diferentemente das vítimas, transmitem não sentir medo, característica esta que propicia dar continuidade com os ataques.

A pesquisa mostrou que o agressor pode estar reforçando na vítima o que vivencia em seus lares. Há responsáveis que acreditam educar as crianças/jovens através da agressão, dos gritos, palavrões, xingamentos. São crianças que vivenciam em lares desestruturados, sem afetividade, não desenvolvem empatia. Ao crescerem, desenvolveram os mesmos comportamentos em outros ambientes, principalmente na escola. Ao identificar aquele aluno tímido, calado, torna-se ao olhar do agressor uma “presa fácil”, e deposita nela, todas as frustrações e traumas vividos. As vítimas, em muitos casos, passam a acreditar que são merecedoras da situação, culpam-se pelas violências sofridas, não pedem ajuda e não buscam parar com a situação. Temem agravar os ataques. As vítimas também podem, na fútil tentativa de livrar-se da situação de oprimido, passar a ser opressor. Encontram indivíduos, que ao seu entendimento, são mais “frágeis”, recarregando sobre eles as raivas e fracassos sentidos.

Através das falas da entrevista há ausência familiar em todo processo de combate e prevenção do *bullying*. Nos projetos desenvolvidos nas escolas, a grande barreira é fazer com que a família busque participar assiduamente das atividades realizadas na instituição, de modo a acompanhar o ensino e aprendizagem dos alunos. Em uma das falas da coordenadora pedagógica, a mesma ressaltou que a escola hoje já não tem ferramentas suficientes para

combater o *bullying*, pois o aliado essencial deste processo seria a família, mas infelizmente, a própria vem se afastando.

A investigação bibliográfica permitiu reafirmar que o *bullying* necessita ser discutido em todas as instituições de ensino, uma maneira de prevenir a proliferação do problema. Quando a escola realiza projetos e programas devidamente elaborados e administrados em grupo, e a família colabora na efetivação do mesmo, e ocorre um progresso significativo, para suprimir a violência. É preciso acolher não tão somente as vítimas, mas de modo especial, os próprios agressores, pois são crianças/jovens, que necessitam de atenção, carinho, cuidado, amor, afeto e orientação, para que assim, possam compreender os efeitos negativos que depositam nas vítimas ao machucá-las, maltratá-las e agredi-las.

Em relação às escolas pesquisadas, identificou-se a realização de projetos significativos na busca de trazer a família. São projetos que envolvem profissionais da área da saúde e da educação, oportunizando seções de terapias em grupos e rodas de conversas. Essas atividades foram buscadas em prol de ajudar e auxiliar as famílias carentes da comunidade local. As escolas são situadas nos bairros periféricos da cidade.

Percebe-se ainda nas unidades de ensino estudadas, parcelas significativas das famílias dos alunos estão inseridas em situações de extrema pobreza, destacando ainda, os casos relacionados a drogas, criminalidade e violência. São alunos que veem seus pais presos, e alguns não chegaram a conhecer a figura paterna, além de outros com mães envolvidas no tráfico. Há casos, conquanto as próprias crianças deixem de ir à escola, pois, para o sustento familiar, trabalham com reciclagem para auxiliar na criação dos irmãos menores. Quando estes jovens comparecem ao ambiente escolar tornam-se alunos difíceis de lidarem, são agressivos, violentos, tem dificuldade de aprendizagem, ou seja, as consequências são visíveis.

Nessa perspectiva, como instalar uma cultura de paz nas escolas sem antes instalar a mesma nos próprios lares? As professoras entrevistadas expuseram bem esta questão sobre a dificuldade de enfatizar para as crianças que praticar o *bullying* é algo negativo, onde bater, brigar, ameaçar e amedrontar não será permitido. Porém, se os próprios alunos vivenciam estes fatores em suas casas, por meio de ações que podem vir dos próprios pais, eis a barreira encontrada nesse caminho de comunicação com as famílias, alunos e escola.

Assim, entende-se que é de responsabilidade da família, escola, comunidade e dos órgãos públicos responsáveis, desempenharem eficazmente seu papel, onde cada uma das partes envolvidas completa a outra, buscando superar as lacunas e os conflitos que o *bullying* acarreta. É essencial lembrar que os agressores são apenas mais uma das vítimas nesse

processo, onde os mesmos precisam de cuidado, atenção e amor, tal como todos os envolvidos no fenômeno. A escola sozinha não conseguirá combater o *bullying* sendo necessário que as políticas públicas cumpram seu papel em auxiliar as instituições em todo o processo. Com isso, esta relação deve ter um único objetivo em comum: livrar-se da violência, não dos agressores.

O *bullying* hoje é um problema social que faz vítimas em todas as unidades de ensino. Os efeitos desta violência podem perpetuar na vida dos envolvidos em toda a sua existência, pois causam traumas irreversíveis na formação cognitiva, social, afetiva e emocional do sujeito, logo, bem como, frisado anteriormente, *bullying*, não é brincadeira. *Bullying*, agride, machuca, intimida e em casos extremos mata.

## REFERÊNCIAS

- ABRAPIA. **Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência** – Programas desenvolvidos, 1999. Disponível em: <[http://www.abrapia.org.br/homepage/programas/programas\\_desenvolvidos.html](http://www.abrapia.org.br/homepage/programas/programas_desenvolvidos.html)>. Acessado às 18h36min, 6 Abr. 2018.
- ARAÚDO, P. V. *et al.* Espaço Escolar: O professor frente à problemática da criança em situação de violência. **Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped.** / v.14, n.2, 2014. Disponível em: <[http://www.sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol14-n2/v\\_14\\_n\\_2-artigo\\_pesquisa-espaco\\_escolar\\_o\\_professor\\_frente\\_a\\_problematika.pdf](http://www.sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol14-n2/v_14_n_2-artigo_pesquisa-espaco_escolar_o_professor_frente_a_problematika.pdf)>. Acesso em: 10 Set. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. França: Presses Universitaires de France. 1977.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. [Constituição (1988)]. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretária de Documentação, 2017. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>>. Acesso em: 10 Set. 2017.
- BRASIL. **Lei Nº 13.663**, de 14 de Maio de 2018. Presidência da República: casa civil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm) Acesso em: 25 Mai. 2018.
- CHALITA, G. **Pedagogia da Amizade - bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente, 2008.
- CORREIO, A. F. A importância do direito como instrumento de combate ao *bullying* escolar. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/9112>>. Acesso em: 09 Abr. 2018.
- COSTA, J. B. Uma Visão Psicossociológica sobre o Preconceito. In: ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares; GENTLE, Ivanilda Matias. Org. **Paz e cidadania nas escolas**. João Pessoa: UFPB/ Editora Universitária, 2002.
- DUDH. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. The Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 9 Abr. 2018.
- EUREKA, Equipe. **ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1ª ed. São Paulo: Eureka, 2015.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying**. Campinas: Editora Verus, 2011.
- FERNANDEZ, A. Agressividade: qual teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, Ester Pillar org. **Paixão de Aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FREIRE, M. O que é um grupo. In: GROSSI, Ester Pillar org. **Paixão de Aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUILLAIN, C. **Vencendo o bullying**. Tradução Silvia Ribeiro. 1. ed. São Paulo: Hedra Educação, 2012.

JUSBRASIL. **Código Penal. Decreto Lei N.º 2.848 de 07 de Dezembro de 1940**. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91614/codigo-penal-decreto-lei-2848-40#art-122>>. Acesso em: 25 Mai. 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica** - Maria de Andrade Marconi. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: <[http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india/view](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view)>. Acesso em: 29 Mai. 2018.

LEITE, D. M. Educação e relações interpessoais. In: PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à psicologia escolar**. 4. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo®, 2010.

MELO, J. A. **Bullying na escola: como identifica-lo, como preveni-lo, como combate-lo**. Recife: EDUPE, 2010.

MEOTTI, J. P.; PERÍCOLE, M. A postura do professor diante do *Bullying* em sala de aula. **Revista Panorâmica on-line**. Barra do Garças. MT, vol.15, dez. 2013. ISSN – 2238-921-0. Disponível em: <<http://revistas.cua.ufmt.br/index.php/revistapanoramica/article/view/518/155>>. Acesso em: 10 Set. 2017.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez 2008.

PIACENTINI, P. Bullying é violência e vai além dos muros da escola: vítimas podem ter vida social comprometida e sofrer distúrbios de saúde severos. **Rev. Pré.univesp**. Nº.61 UNIVERSO Dez 2016 | Jan 2017. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/bullying-e-violencia#.WtjUUtTwZdg>>. Acesso em: 19 Set. 2018.



## **ANEXOS**



## ANEXO A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bom dia (boa tarde ou noite), meu nome é **Jaqueline Cirino dos Santos**, eu sou Acadêmica do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande e o Sr. (a) está sendo convidado (a), á participar como voluntário (a), da pesquisa intitulada “**O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE ÀS QUESTÕES DE BULLYING NA SALA DE AULA: IMPLICAÇÕES E IMPACTOS NA VIDA DAS VÍTIMAS**”.

**JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:** As intenções e motivações desse estudo deve-se ressaltar a necessária e devida contribuição da Universidade Pública na contínua referencialização do ensino superior por intermédio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, nesse caso, desdobradas nas frentes de trabalho da iniciação científica. O objetivo dessa pesquisa é analisar de que modo pode-se implementar gestão democrática na escola pública a partir das estruturas conjunturais que se possui, e a partir disso, identificar os entraves a serem enfrentados para que esse modelo de gestão se efetue na escola, identificando assim os desafios encontrados nas estruturas cotidianas das práticas administrativas de escola pública. Refletindo sobre as possibilidades para torná-la possível, de forma a promover uma educação crítica e participativa em prol do educando. O (os) dados serão coletados da seguinte forma: o Sr. (a) irá responder uma entrevista semiestruturada que abordara pontos relacionados a gestão escolar e a comunidade escolar, dando ênfase a uma gestão escolar democrática na escola pública, tendo como base a participação dos professores, educandos, e pais, bem como também analisando as relações democráticas nas tomadas de decisões na instituição, e o ensino da democracia e cidadania, apontando assim, entraves e superações para que a gestão democrática seja possível.

**DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:** Não haverá desconforto ou risco mínimo previsível para o (a) Sr. (a) que se submeter à coleta dos dados, tendo em vista tratar-se apenas de respostas a uma entrevista, onde não haverá identificação individualizada e os dados da coletividade serão tratados com padrões éticos (conforme Resolução CNS 466/12) e científicos, sendo justificável a realização do estudo porque através da análise dos resultados obtidos será possível a identificação dos entraves e superações pelas quais a gestão escolar

passa até chegar a implantar uma gestão democrática que ocorre diariamente no ambiente escolar, desde a organização do trabalho pedagógico até aos educandos durante o processo de ensino-aprendizagem na escola pública do estado do Ceará.

**FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSINTÊNCIA:** A participação do Sr. (a) nessa pesquisa não implicara necessidades de acompanhamento e/ou assistência posterior, tendo em vista que a presente pesquisa não tem a finalidade de realizar diagnóstico específico para o senhor, e sim identificar fatores gerais da população estudada. Além disso, na entrevista não há dados específicos de identificação do Sr. (a), a exemplo de nome, CPF, RG, etc., não será possível identificá-lo posteriormente de forma individualizada.

**GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO:** O Sr. (a) será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O Sr. (a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de prestação de serviços. O (s) pesquisador (es) irá (ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa permanecerão confidenciais podendo ser utilizados apenas para a execução dessa pesquisa. O Sr (a) não será citado (a) nominalmente ou por qualquer outro meio, que o identifique individualmente, em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado, assinada pelo Sr. (a) na última folha e rubricado nas demais, ficará sob a responsabilidade do pesquisador responsável e outra será fornecida ao (a) Sr. (a).

**CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:** A participação no estudo não acarretará custos para Sr. (a) e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Não é previsível dano decorrente dessa pesquisa ao (a) Sr. (a), e caso haja algum, não há nenhum tipo de indenização prevista.

**DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE**

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci todas minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e desistir de participar da pesquisa se assim o desejar. O (a) pesquisador (a) **Jaqueline Cirino dos Santos**, certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, no que se refere a minha identificação individualizada, e deverão ser tornados públicos através de algum meio. Ele

compromete-se, também, seguir os padrões éticos definidos na Resolução CNS 466/12. Também sei que em caso de dúvidas poderei contatar o professor coorientador **Professor M. Danilo de Sousa Cezario**, através do telefone 83 9914 2019.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____	_____	____/____/____
Nome	Assinatura do Participante da Pesquisa	Data
_____	_____	____/____/____
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

## TERMO DE ANUÊNCIA

### ANEXO B

Eu, \_\_\_\_\_,  
 diretor(a) da Escola \_\_\_\_\_,  
 declaro estar  
 ciente do estudo intitulado  
 \_\_\_\_\_,  
 desenvolvido por  
 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, aluno(a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do Prof. Me. Danilo de Sousa Cezario, ao tempo em que afirmo concordar com a realização de entrevistas com um(a) coordenador(a) pedagógico(a), uma professor(a), deste estabelecimento de ensino, como parte da pesquisa relacionada ao referido estudo.

\_\_\_\_\_ – PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_  
 Diretor(a) Escolar

# TERMO DE ANUÊNCIA

## ANEXO C

Eu, \_\_\_\_\_,  
 diretor(a) \_\_\_\_\_ da \_\_\_\_\_ Escola  
 \_\_\_\_\_, declaro estar  
 ciente do estudo intitulado  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_, desenvolvido por  
 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, aluno(a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do Prof. Me. Danilo de Sousa Cezario, ao tempo em que afirmo concordar com a realização de entrevistar um(a) professor(a), deste estabelecimento de ensino, como parte da pesquisa relacionada ao referido estudo.

\_\_\_\_\_ – PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_  
 Diretor(a) Escolar

## APÊNDICES



# Centro de Formação de Professores

Universidade Federal de Campina Grande

## APÊNDICE A

### Entrevista com coordenador (a) pedagógico (a)

**Pseudônimo:**

**Idade:**

**Sexo:** F ( ) M ( )

**Estado Civil:**

**Escolaridade:**

**Faz graduação em:**

**Tem graduação em:**

**Tem especialização em:**

**Tem mestrado em:**

**Tem doutorado em:**

**Nível de escolaridade que você trabalha:**

- 1. O que você compreende por bullying?**
- 2. A escola desenvolve projetos anti-bullying?**
- 3. Quais são as estratégias, métodos e técnicas que a instituição busca trabalhar com os envolvidos no fenômeno bullying?**
- 4. A família é inserida no combate ao bullying na instituição? De que modo?**
- 5. Como a instituição busca preparar a equipe docente a fim de enfrentar o bullying, realidade presente em toda instituição de ensino.**





# Centro de Formação de Professores

Universidade Federal de Campina Grande

## APÊNDICE B

### Entrevista com professor (a)

**Pseudônimo:**

**Idade:**

**Sexo:** F ( ) M ( )

**Estado Civil:**

**Escolaridade:**

**Faz graduação em:**

**Tem graduação em:**

**Tem especialização em:**

**Tem mestrado em:**

**Tem doutorado em:**

**Nível de escolaridade que você trabalha:**

- 1. O que você compreende por bullying?**
- 2. Como buscar identificar o bullying em sala de aula?**
- 3. Quais métodos, técnicas e recursos para trabalhar o bullying em sala de aula?**
- 4. O (a) professor(a) participa de projetos, especializações, cursos, que enfatizam a temática bullying e violência escolar? Quais? E quais são as melhorias destas, para as aulas?**
- 5. Em sua opinião, quais medidas deviam ser incorporada pela equipe gestora, a fim de administrar os conflitos e problemas advindos do bullying?**
- 6. Você sente insegurança em trabalhar este tema nas aulas? Por quê?**